



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

NARA RAIMUNDA DE ALMEIDA SANTOS

**OS SENTIDOS DE LEITURA PARA A COMUNIDADE ESCOLAR NO ENSINO
FUNDAMENTAL NA CIDADE DE ALENQUER-PARÁ:** estudo de caso nas escolas
Municipal Jorge Sadala e Estadual Monteiro Lobato.

Belém/PA
2020

NARA RAIMUNDA DE ALMEIDA SANTOS

**OS SENTIDOS DE LEITURA PARA A COMUNIDADE ESCOLAR NO ENSINO
FUNDAMENTAL NA CIDADE DE ALENQUER-PARÁ:** estudo de caso nas escolas
Municipal Jorge Sadala e Estadual Monteiro Lobato.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará – UFPA, como um dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação, sob a orientação do Prof. Dr. Hamilton Vieira de Oliveira.

Belém/PA
2020

NARA RAIMUNDA DE ALMEIDA SANTOS

**OS SENTIDOS DE LEITURA PARA A COMUNIDADE ESCOLAR NO ENSINO
FUNDAMENTAL NA CIDADE DE ALENQUER-PARÁ:** estudo de caso nas escolas
Municipal Jorge Sadala e Estadual Monteiro Lobato.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Pará – UFPA, como um dos requisitos para a obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Data da aprovação: ____ / ____ / ____

Conceito: _____

Banca Examinadora:

_____ - Orientador

Hamilton Vieira de Oliveira
Doutor em Ciência da Informação
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Franciele Marques Redigolo
Doutora em Gestión de la Información y de la Comunicación
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Isabel Cristina França dos Santos Rodrigues
Doutora em Educação
Universidade Federal do Pará (UFPA)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

- S237s Santos, Nara Raimunda de Almeida
Os sentidos de leitura para a comunidade escolar no ensino fundamental na cidade de Alenquer-PA : estudo de caso nas escolas Municipal Jorge Sadala e Estadual Monteiro Lobato. / Nara Raimunda de Almeida Santos. — 2020.
94 f. : il.
- Orientador(a): Prof. Dr. Hamilton Vieira de Oliveira
Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.
1. Leitura. 2. Formação de leitor. 3. Projetos de leitura. 4. Formação continuada. 5. Políticas públicas. I. Título.

CDD 020

Dedico esta dissertação a minha família que sempre esteve disposta a ajudar em cada etapa, especialmente aos meus filhos Mário Sérgio, Isabela e esposo Sérgio Santos.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria Pereira, minha irmã Nádia Almeida, amiga Elida Figueiredo e meu irmão Sandro Almeida, por toda ajuda e contribuição nessa caminhada em todos os momentos.

Ao meu esposo e companheiro Sérgio Santos, aos meus filhos Mário e Isabela que sempre compreenderam as horas em que precisei ficar afastada para produzir, pesquisar e finalmente concluir essa dissertação.

Ao professor Hamilton Vieira Oliveira, por todo ensinamento, parceria e principalmente pelo compromisso com a causa da leitura, sempre disposto a contribuir com esta pesquisa.

Aos professores e funcionários da Faculdade de Biblioteconomia da UFPA, em especial às queridas professoras Oderle Milhomen, Lucivaldo Barros e Jane Veiga pelo incentivo e disponibilidade em contribuir nessa etapa tão importante de qualificação profissional.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, em especial à professora Franciele Marques Redigolo que nos proporcionaram conhecimento e troca de experiência no período das disciplinas em sala e fora dela.

A todos os colegas da turma 2018 do PPGCI, em especial Ester Silva, que sempre acolheu meus momentos de ansiedade e soube me acalmar, Nilzete pelos livros maravilhosos, Ana Mery, Jaciara, Anézia, Letícia, Cristiana, Rodrigo, Glenda, Layane, Mateus, Nicolle, Vanessa, Zilah, todos simplesmente super parceiros nos momentos de dificuldade e principalmente nas nossas confraternizações.

Às professoras Ana Angélica Chaves, Ana Amélia Chaves, diretora Raimunda Rodrigues Neta da Silva- Escola Municipal Jorge Sadala e Ana de Miranda Viana diretora da Escola Estadual Monteiro Lobato, as quais foram facilitadoras e acessíveis no período da coleta de dados da pesquisa.

Aos colegas da Universidade Federal do Oeste do Pará, Campus Alenquer, em especial Paula Galvão pela compreensão nas minhas viagens à Belém para qualificação, defesa e a direção que sempre apoiou nossa busca por conhecimento.

RESUMO

Investigar a prática da leitura no universo escolar é algo fundamental pois dialoga com todas as disciplinas, além de apontar para a perspectiva interdisciplinar e para a formação integral do discente enquanto sujeito da sua própria leitura de mundo e do texto. O tema em questão, **“OS SENTIDOS DE LEITURA PARA A COMUNIDADE ESCOLAR NO ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE ALENQUER-PARÁ: estudo de caso nas escolas Municipal Jorge Sadala e Estadual Monteiro Lobato”**, buscou verificar a compreensão sobre a leitura pelas comunidades da Escola Estadual de Ensino Fundamental Monteiro Lobato e Escola Municipal de Ensino Fundamental Jorge Sadala, a fim de refletir sobre as práticas e as perspectiva para formação de leitores no espaço escolar. Tratou-se de uma pesquisa exploratória, com estudo de caso, de caráter qualitativa e quantitativa. Para tanto, apresentou os sentidos construídos pela comunidade escolar em relação à leitura no processo de ensino-aprendizagem e um mapeamento das ações voltadas para o incentivo à leitura na cidade de Alenquer. Tal estudo teve como aporte teórico central as teses de Paulo Freire (2015) e VYGOTSKY (1995) que subsidiam uma leitura crítica sobre o mundo e sua relação com o ato de ler. A pesquisa indicou desarticulação das políticas de leitura nas escolas, a falta de projetos de incentivo à leitura de caráter contínuo que envolva os discentes e a ausência de conexão entre os projetos da cidade e os que acontecem nas escolas, além da falta de diretrizes de formação continuada para os professores que atuam nas salas de aula. A percepção da comunidade escolar sobre a leitura reconheceu a importância da prática da leitura para a formação dos alunos, dos professores e da comunidade, mas ainda é uma atividade pouco cultivada nas escolas, uma vez que os projetos de incentivo à leitura não se articulam.

Palavras-chave: Leitura. Formação de leitor. Projetos de leitura. Educação. Ensino-aprendizagem. Formação continuada. Políticas públicas.

ABSTRACT

Investigating the practice of reading in the school universe is fundamental because it dialogues with all disciplines, in addition to pointing to the interdisciplinary perspective and the integral formation of the student as the subject of his own reading of the world and the text. The theme in question, "THE MEANING OF MEANING FOR THE SCHOOL COMMUNITY IN FUNDAMENTAL EDUCATION IN THE CITY OF ALENQUER-PARÁ: a case study at the Municipal Schools Jorge Sadala and Estadual Monteiro Lobato", seeks to verify the understanding of reading by the communities of the State School of elementary education Monteiro Lobato and the Municipal School of Elementary Education Jorge Sadala, in order to reflect on the practices and perspectives for the formation of readers in the school space. This is an exploratory research, with a case study, of qualitative and quantitative character. To this end, it presents the meanings constructed by the school community in relation to reading in the teaching-learning process and a mapping of actions aimed at encouraging reading in the city of Alenquer. Such study has as its central theoretical contribution the theses of Paulo Freire (2015) and VYGOTSKY (1995) that support a critical reading about the world and its relationship with the act of reading. The research indicates disarticulation of reading policies in schools, the lack of continuous reading incentive projects that involve students and the lack of connection between city projects and those that take place in schools, in addition to the lack of training guidelines continued for teachers who work in classrooms.

The perception of the school community about reading recognizes the importance of the practice of reading for the training of students, teachers and the community, but it is still an activity little cultivated in schools, since the projects to encourage reading are not articulated.

Keywords: Reading. Reader training. Reading projects. Education. Teaching-learning. Ongoing training. Public policy.

“É preciso que a leitura seja um ato de amor”

Paulo Freire

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Possibilidades da leitura.....	41
Quadro 2 -	Conceituação de Biblioteca Escolar: definição; função e objetivos.....	47
Quadro 3 -	Conceituação de Biblioteca Escolar: finalidades; características e paralelo entre BE e a biblioteca infanto-juvenil pública.....	48
Gráfico 1 -	Dedicação à docência.....	66
Gráfico 2 -	Participação dos professores em projetos de leitura.....	68
Gráfico 3 -	Sentido da leitura para os professores.....	69
Gráfico 4 -	Gosto pela leitura dos estudantes.....	72
Gráfico 5 -	Gênero literário dos estudantes.....	73
Gráfico 6 -	Empréstimos na biblioteca.....	74
Gráfico 7 -	Participação em projetos de leitura na escola.....	75
Gráfico 8 -	Hábito de leitura dos pais ou responsáveis.....	78
Gráfico 9 -	Tipos de leitura dos pais ou responsáveis.....	78
Gráfico 10 -	Acompanhamento dos pais referente aos tipos de leitura dos filhos.....	79
Gráfico 11 -	Participação nas atividades de leitura dos filhos.....	80

LISTA DE SIGLAS

ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
BE	Biblioteca Escolar
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BP	Biblioteca Pública
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Educação Básica
IFLA	<i>International Federation of Library Associations</i>
INL	Instituto Nacional do Livro
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MESP	Ministério da Educação e da Saúde Pública
PARFOR	Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PCN's	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNE	Plano Nacional da Educação
PPGCI	Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação
PROLER	Programa Nacional de Incentivo à leitura
SAEB	Sistema Nacional de Educação Básica
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	CONCEPÇÕES DE LEITURA	18
3	A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR	31
3.1	Estratégias de leitura	31
3.2	A leitura no processo pedagógico	37
3.3	A formação do leitor no ambiente escolar	38
3.4	As diferentes literaturas como contribuição na formação do leitor	44
3.5	Os agentes da leitura na escola	47
3.5.1	Os professores	48
3.5.2	A família	49
3.5.3	Os discentes e os bibliotecários	50
4	A LEGISLAÇÃO SOBRE BIBLIOTECA E LEITURA NA ESCOLA	53
5	METODOLOGIA	61
5.1	Universo da pesquisa	61
5.2	Instrumentos e procedimentos da pesquisa	62
6	ANÁLISES DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA	65
6.1	Sentido da leitura para professores	65
6.2	Sentido da leitura para os estudantes	71
6.3	Sentido da leitura para pais ou responsáveis dos estudantes	77
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
	REFERÊNCIAS	84
	APÊNDICE A – Visão sobre leitura pela comunidade escolar de ensino fundamental de escolas públicas na cidade de Alenquer	92
	APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	95

1 INTRODUÇÃO

Debater a prática da leitura, a partir de uma dissertação de mestrado e/ou em um processo de investigação do espaço escolar, onde ela privilegiadamente é cultivada, ou deveria ser, foi sempre um sonho que carreguei comigo, desde quando ainda estava fazendo o curso de biblioteconomia na UFPA, justamente para retribuir, ainda que simbolicamente, a escola pública e a importância que ela teve e tem na minha vida, de meus amigos e de tantos outros estudantes. Foi quando percebi as diversas possibilidades que teria como profissional da área a qual resolvi abraçar: a biblioteconomia!

Ao longo do tempo, meu interesse pela profissão foi ganhando corpo e voltando-se cada vez mais para as bibliotecas escolares, suas práticas e projetos, sobretudo as que possibilitassem o envolvimento dos alunos, dos professores e da comunidade escolar. Fora exatamente em um de meus estágios, ali como estudante de biblioteconomia, que se deu meu primeiro contato com o espaço escolar, uma instituição particular que atendia crianças da educação infantil ao quinto ano do ensino fundamental. No local havia uma sala de leitura que eles chamavam de biblioteca, onde fui contagiada pela magia do ambiente ao visualizar os livros dispostos nas prateleiras, os jogos didáticos e infantis, as crianças a passear e outras a ler, já outras a brincar e a rir: tratava-se do principal chamariz da escola que despertava interesse de muitos, outros nem tanto, mas, no geral, as crianças gostavam do sossego dali.

Esta experiência com bibliotecas e, conseqüentemente, com leituras marcou-me de modo singular, pois me fez ver o quanto poderia contribuir, a partir daquele universo, com a formação das crianças e com a minha própria formação. Percebia que as crianças também ficavam encantadas com aquele mundo (da leitura) – mesmo que outras nem tanto, uma vez que parte delas estavam experimentando os primeiros contatos e, por isso, talvez ainda não se sentissem tocadas pelo mundo da leitura. Nesse sentido, consegui desenvolver projetos de incentivo à leitura com os discentes da escola e aos poucos foi possível mostrar a importância desse trabalho para a direção, coordenação, professores e familiares.

Então, sentia-me impulsionar a conhecer e investigar cada vez mais este mundo da leitura e o universo das bibliotecas escolares. Por isso, decidi que minha carreira profissional e acadêmica deveria se dedicar e refletir sobre os desafios da

leitura como caminho para formação integral dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, de modo a abordá-la ao longo de meus estudos.

Foi com base nessas experiências que, em 2017, apresentei ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal do Pará (UFPA), em seu processo seletivo para o mestrado, o projeto “A leitura como instrumento de transformação social: o caso das escolas municipais de Ananindeua, região metropolitana de Belém do Pará”. Nesse momento participei de um projeto de capacitação do corpo docente que atuava em salas de leituras e bibliotecas no sistema municipal de ensino, realizado por meio de um projeto de extensão da Biblioteca Benedito Nunes da UFPA, Campus Ananindeua.

Em 2018, após aprovação em concurso público, fui admitida como Bibliotecária no quadro permanente da Universidade Federal do Oeste do Pará, com lotação no Município Alenquer e em vista de garantir a viabilidade da pesquisa, em acordo com o orientador, o universo do estudo passou a ser 02 escolas públicas do ensino fundamental desse município da região do Baixo Amazonas Paraense. De modo que toda experiência acumulada me levou a optar por enfrentar, neste estudo, a seguinte questão: **quais os sentidos construídos sobre a leitura pela comunidade de escolas na cidade Alenquer-Pará?**

Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo geral verificar o sentido construído em relação à leitura pela comunidade das escolas examinadas neste estudo (escola Estadual de ensino fundamental Monteiro Lobato e Escola Municipal de Ensino Fundamental Jorge Sadala), a fim de refletir a prática e a perspectiva de formação de leitores no espaço escolar. Ao mesmo tempo que tem como objetivos específicos, identificar as construções de sentidos de leitura dos professores, discentes das séries iniciais do ensino fundamental e pais ou responsáveis; realizar um mapeamento das ações voltadas para o incentivo à leitura em 02 escolas, bem como acompanhar e observar as ações desenvolvidas nas referidas instituições educacionais do município de Alenquer.

A importância da pesquisa a respeito da prática da leitura em espaço escolar (e fora dele) traz em si a relevância para a academia, para a sociedade e para o indivíduo, pois dialoga com a formação integral dos alunos e professores, na medida que estimula a imaginação, a curiosidade e senso crítico, de modo a facilitar o processo de ensino-aprendizagem e ampliar os horizontes do saber em todas instâncias sociais, sobretudo a escolar e a universitária, com rebatimento na

formação social em geral e em particular para a formação de uma sociedade de leitores que contribua para que ela seja justa, democrática e fraterna.

Para tanto, rigorosamente ler é um hábito fundamental que precisa ser cultivado desde a tenra idade, uma vez que só é desenvolvido (e ampliado) se for trabalhado desde a infância, adolescência, passando pela idade adulta e, com o passar dos anos, tende, a partir dessa longa experiência, a se aprimorar cada vez mais. No entanto, são muitos os problemas que envolvem o contato direto com o livro, o que acaba por promover uma diminuição no hábito de ler: falta de tempo, preocupação familiar, desemprego, sobrevivência, estresse e o dia-dia corrido e cheio de tarefas, tudo isso ajuda para obstaculizar o cultivo da leitura e afastar as pessoas dos livros, sejam eles “reais” ou “virtuais”, mesmo que consideremos que hoje, em função do celular e das redes sociais, as pessoas escrevem e leem mais, ainda que frases curtas e rápidas! Mas o fato é que leem mais escrevem mais! Mesmo que não seja o velho e bom livro!

Em regiões distantes, cheias de especificidades, como é o caso da Amazônia sabe-se que as dificuldades são maiores, pois muitas vezes o acesso à leitura é precário e há lugares em que as crianças sequer têm acesso à escola, muito menos bibliotecas, livros, celular e internet. Porém, na imensidão do território amazônico, há inúmeras outras formas de construção de leitura (leitura de mundo e/ou de leitura do texto propriamente *livresco*) que ocorrem no dia-a-dia por meio da oralidade, baseada na leitura de mundo, não só desenvolvidas nas contações de história, mas também na vivência cotidiana que, por sua vez, são experiências repassadas ao longo do tempo por familiares e vizinhos: algo incrustado na comunidade que conta suas ficções, realidades, peripécias, causos populares, pessoais e coletivos que povoam o imaginário social como o boto, a Matinta Perera, a cobra grande, a vitória régia, entre tantos outros.

Portanto, importa salientar que é justamente nos espaços escolares – biblioteca, jardins, corredores, sala de aula, quadra esportiva, árvores e espaços de recreio – mas também no ambiente da comunidade como um todo que se vislumbram excelentes lugares para construir e reforçar uma cultura da leitura, papel que na instituição escolar cabe essencialmente aos professores, gestores, coordenadores e bibliotecários, sem desconsiderar a importância fundamental de toda a comunidade no processo de formação contínua de leitores e, como resultante, dela mesma.

Todos estes profissionais e a comunidade em geral podem atuar no incentivo à leitura, mas professores e bibliotecários serão o diferencial no trabalho de incentivo à formação de leitores, podendo atuar em todos os espaços da escola, utilizando-se de acervos que podem ser reunidos a partir do interesse e da importância em cada faixa etária, idealizando cenários com materiais de baixo custo que podem ser construídos no decorrer de suas aulas. Trata-se de estimular o ler em toda a sua forma para construir uma cultura da leitura a partir do fomento de conceitos e práticas didáticas diárias, a proporcionar e reforçar o surgimento de leitores críticos, reflexivos e ativos.

O papel deste trabalho é também identificar e divulgar experiências que podem vir a contribuir na elaboração de políticas, diretrizes e planos que possam embasar futuros trabalhos na região (amazônica), principalmente nas realidades em que a educação básica apresenta déficit no desempenho escolar quanto aos indicadores de qualidade, em boa parte em decorrência de falta de estímulo, estrutura, valorização da docência-discência e inúmeras outras dificuldades de toda a ordem (baixos salários de professores, falta de material didático, ausência de livros, laboratório de informática e salas de leituras, mal utilização do FUNDEB) e espaços sucateados e inadequados, a travancar o processo de ensino-aprendizagem e a busca por caminhos para a qualidade educacional e assim para o sucesso escolar dos alunos.

Assim os projetos desenvolvidos no ambiente escolar, com objetivo de incentivar a leitura, tornam-se fundamentais para a comunidade e poderão ser replicados em outros espaços, visto que o objetivo desse trabalho é compreender o que a comunidade escolar traz como sentido construído em relação à leitura e quais são as ações de leitura desenvolvidas nas referidas escolas para que suas atividades possam ser disseminadas e disponibilizadas como experiência de atuação no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse sentido, além da introdução, o trabalho está dividido em cinco partes que abordam a temática em questão, isto é, a leitura. O capítulo dois apresenta as concepções teóricas sobre leitura, trazendo autores que expõem suas teorias e conhecimentos sobre o tema, assim como o contexto da leitura e seus benefícios para o desenvolvimento integral dos indivíduos e da sociedade.

O capítulo três discorre sobre a leitura no contexto escolar, destacando a leitura no processo pedagógico; formação do leitor no ambiente escolar; a literatura

como contribuição na formação do leitor; os agentes da leitura na escola; os professores; família; os discentes e os bibliotecários.

O capítulo quatro trata da legislação sobre biblioteca e leitura na escola. Aqui é destinada atenção específica à Lei 12.244/2010 da Universalização das Bibliotecas Escolares em nosso país. Além das atividades de leitura observadas no decorrer da pesquisa de campo.

O capítulo cinco trata dos procedimentos e enquadramentos metodológicos, incluindo a descrição do ambiente de pesquisa, a caracterização do universo que inclui informações sobre o Município de Alenquer-Pa e sobre as escolas onde foram coletados os dados da pesquisa.

No capítulo seis apresentamos e analisamos os resultados da pesquisa expondo os dados com análise e reflexão da realidade local a partir das informações coletadas. E, por fim, mas não de menor importância, temos as considerações finais com recomendações para possíveis atuações em ambientes para fomento de incentivo à leitura.

2 CONCEPÇÕES DE LEITURA

Discutir academicamente a leitura é uma questão fundamental tanto para a escola quanto para a sociedade, uma vez que a leitura perpassa todas as disciplinas e é uma das condições sem a qual o indivíduo não consegue se situar no tempo e no espaço, sobretudo em um mundo cada vez mais informacional, letrado e cheio de linguagens. Trata-se na verdade de um tema que dialoga diretamente com a formação integral do ser humano, notadamente no universo dos que buscam construir um país formado por leitores ativos, fluentes e críticos. Estes capazes de compreender a sua realidade, seu mundo e sua história.

Nessa perspectiva, que sentido tem o ato de ler para a escola, para a sociedade e para aqueles que a discutem? O que pensam os alunos e os professores sobre a leitura? Como veem o ato de ler os pais e a comunidade escolar? O que dizem os pesquisadores sobre a prática e a ausência de leitura na formação do indivíduo? Para discutir estas e outras questões, o trabalho propõe uma reflexão em torno da leitura e da biblioteca, uma vez que tal prática repita-se, dialoga com a formação integral do educando e do educador, assim como com o desenvolvimento, analfabetismo, o estímulo e formação de leitores de um Brasil que acumula, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), 11,3 milhões de analfabetos, pessoas que tiveram seus direitos negados pelo estado: sem acesso à escola, à educação formal nem tampouco à leitura dos livros propriamente.

Para tanto, cabe iniciar nosso trabalho demonstrando a etimologia da palavra, seu sentido e significados bem como o processo de interação entre leitor e texto: a dinâmica e reciprocidade nessa relação imbricada, ou seja, entre quem ler, quem é lido e o contexto de um e outro. Se pensarmos bem, veremos que o verbo ler traz consigo múltiplos significados, por exemplo, quando nos reportamos a algo para dizer: ler o texto, ler o quadro, ler o mapa, ler a paisagem, ler a realidade ou ler o mundo, impregnamos de significados a palavra, o texto, e o inverso também é verdade, pois o texto e a palavra também nos impregnam de sentido e significados. Nesse contexto há múltiplas interações que conferem uma dinamicidade própria no processo de leitura de um texto (livresco), seja ele qual for, vejamos o que diz o dicionário de biblioteconomia e arquivologia sobre a leitura e sua conceituação:

Leitura 1. Ato ou efeito de ler. 2. “ato de decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral; ato de ler” 3. “ação ou efeito de copiar, geralmente de uma forma de armazenamento para outra e, em particular, de um armazenamento externo ou secundário para a memória principal (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 222).

Leitura, enquanto ato de ler, vai além de um processo de codificação e decodificação, isto é, um sistema de código e a correta interpretação dele, mesmo que o ato de ler suponha “decifrar signos gráficos que traduzem a linguagem oral”, porque a leitura traz uma dinamicidade própria no momento de captar a mensagem na aventura peculiar de quem o faz, cuja interação entre leitor e texto é uma constância, pois há trocas e reciprocidades. Observa-se que o conceito apresentado nos mostra que a leitura possui diversos caminhos a se seguir e que diante dessas possibilidades não podemos restringi-la a uma única função. Daí a importância de compreendermos seus diversos significados e torná-los em prática de acordo com as necessidades individuais do público leitor.

Por isso, há uma ideia recorrente nos livros do Paulo Freire, segundo a qual “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 11), uma vez que o processo de leituras da palavra está vinculado a um outro processo de leitura de mundo que se dá justamente pela realidade sociocultural que marca e condiciona a vida do indivíduo que, por sua vez, traz toda uma bagagem prática do mundo cultural que o cerca, impregnando a própria leitura da palavra e vice-versa. Daí a necessidade do diálogo permanente entre a leitura da palavra e a leitura do mundo para valorização do saber local e para evitar inclusive a distância entre o lido e o vivido pelo educando, pelo alfabetizado, pelo leitor.

Isso nos faz ver a importância não só da valorização do saber cultural e empírico do leitor, aquele do cotidiano, feito na prática das relações cotidianas que formam toda a bagagem cultural do aluno: trata-se de um processo de formação não formal que se dá na família, na igreja, na relação com a natureza e com os semelhantes; saber este que precisa ser observado e levado em consideração no processo de formação (formal) do leitor na escola, sob pena de atropelarmos algo tão valioso na prática da leitura (do mundo e da palavra): o saber de experiência feito, a formação não formal, o cotidiano.

Voltando-se para as diretrizes oficiais, no artigo “o conceito de leitura nos documentos oficiais”, Menegassi e Fuza (2010) apontam que estes documentos fundamentam as questões da prática de leitura no universo do ensino e

aprendizagem. Entre estes estão: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998) e o Sistema Nacional de Educação Básica (SAEB). De acordo com as informações contidas nessas diretrizes basilares, o conceito de leitura é permeado por uma “perspectiva interacionista”, mostrando que a mesma se fundamenta em ações de interação entre os sujeitos.

Segundo Menegassi e Fuza (2010, p. 316) “o ensino da leitura e da escrita é umas das principais tarefas da escola, já que se configurou como importante instrumento para que as pessoas exerçam seus direitos, possam trabalhar e participar da sociedade”. Essas ações irão permitir que a aprendizagem ocorra e novos saberes possam surgir durante toda a vida do ser humano.

A prática da leitura (e escrita) é de relevância singular para o desenvolvimento de todas as instâncias sociais e seu espaço privilegiado é a escola, na qual a leitura deve ser trabalhada no sentido de propiciar a formação integral do indivíduo. Para que a leitura desempenhe na escola esse papel, a escola deve compreender que “a leitura e a escrita são fundamentais em qualquer uma das disciplinas, por isso, em cada ano escolar, o aluno precisa desenvolver capacidades, habilidades e estratégias de ler e de escrever, para atender às demandas curriculares” (MENEGASSI; FUZA, 2010, p. 316). Dessa forma, os trabalhos de leitura desenvolvidos pela escola podem contribuir de forma positiva no percurso do processo de ensino e aprendizagem dos discentes.

Nesse sentido, a leitura na escola deve apontar para a formação de leitores, além de dialogar ou fazer interface com as competências e habilidades discutidas para cada disciplina (como a geografia, história, matemática, língua portuguesa, arte e língua estrangeira) para afirmar a interdisciplinaridade à luz da Base Comum Curricular da educação básica – BNCC (BRASIL, 2019) cujo caráter normativo aposta na integração como elemento norteador das políticas públicas curriculares e assim dos projetos políticos pedagógicos das escolas brasileiras, tanto públicas quanto particulares.

Nas escolas, a construção de tal perspectiva pode ocorrer de múltiplas formas, por exemplo, com atividades individuais ou coletivas, em grupo ou em dupla, em culminâncias ou exposições, em saraus de poesia e literatura ou em salas de aula envolvendo sempre professores, alunos e os textos propostos. Assim, o leitor é instigado a construir uma ação ativa, atribuindo significados que não se resumem a retirar as informações do texto, mas sobretudo compreendê-las em seus diversos

contextos e em interação com a realidade local e para além dela. Essa visão de leitura/leitor proposta pela BNCC (2019) remonta a sugestão dada nos parâmetros curriculares nacionais – PCN's que já propunham a formação pela escola de um leitor ativo, isto é, um leitor que atuasse como sujeito de suas ações diante do texto lido ou a ler. Nessa perspectiva, “os PCN's ainda postulam que a leitura [...] é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto” (MENEGASSI; FUZA, 2010, p. 317). Trata-se de encarar o leitor como um protagonista de sua história e, por conseguinte, da “viagem” interpretativa feita por ele em relação ao texto, em outras palavras, trata-se, portanto, de ver a leitura à luz da perspectiva interacionista, pois nesta o sujeito constrói sua relação a partir daquilo que passa a absorver durante o processo de leitura, uma vez que possibilita a aquisição de novos conhecimentos e a ampliação da compreensão daquilo que foi lido.

Na verdade, a leitura constitui-se também como um processo de atribuições de significados, pois a interação leitor-texto torna-se cada vez mais ativa, também porque a postura daquele que lê não é passiva, mas de alguém que é sujeito da ação, ou seja, que é tocado pela mensagem, mas também a reinterpreta à luz de seu contexto sociocultural, motivo pelo qual vai atribuindo permanentemente representações e significados, novos e originais ao texto lido. Pois:

A origem do verbo ler deriva do verbo latino legere e significa colher, isto é, por meio da leitura algo pode ser colhido, provavelmente o sentido do que foi escrito por alguém. A compreensão do que se lê não é apenas um ato racional, tendo em vista que a leitura é um processo contínuo de atribuições de significados (FIORELLI, 2011, p. 14).

Desse modo, a leitura não é um ato mecânico e desprovido de sentido, como se ler fosse apenas um processo de decodificação dos significados, pelo contrário, trata-se de um ato dinâmico e coberto de sentidos que se vai atribuindo quando estamos a praticar, a ler, a partir de nosso mundo e do próprio contexto no qual estamos inseridos. Pois ao ler, o sujeito que o faz traz toda sua marca cultural, a vivência e experiência de mundo, de maneira que imprime uma interação quase natural entre o ser que ler e o texto lido.

Para Vygotsky (1995), a maneira de ler um conteúdo escrito pode estimular o desenvolvimento intelectual das crianças, haja vista que há duas modalidades de

leitura: a leitura silenciosa e a leitura em voz alta. De modo que a leitura silenciosa é socialmente a forma mais importante da linguagem escrita e possui algumas vantagens, entre elas a de que durante a leitura silenciosa o movimento dos olhos é mais ritmado e os retornos são menores. Já na leitura em voz alta, as reações verbais atrasam a percepção e diminuem a atenção do leitor.

Se voltarmos um pouco no tempo, verificaremos que os estudos históricos sobre a origem da escrita, dão conta que foi na antiga Civilização Mesopotâmica, o Iraque de hoje, que teve início a escrita, a partir das pinturas rupestres, ainda na pré-história, quando os homens pintavam e representavam nas cavernas. Foi aí que se deram os primeiros passos para a construção da escrita e, portando, da leitura (não a leitura de mundo naturalmente, que é anterior e é parte inata do homem). Somente depois, como um ato de continuidade, surgirá a escrita Cuneiforme desenvolvida pelos Sumérios e Semitas Árabes:

Ao que a história nos informa, o mais antigo sistema de escrita terá nascido por volta do ano de 3100 a. C. no Sul da Mesopotâmia, como resultado do processo de assimilação entre os Sumérios e os povos semitas da Arábia. Em conformidade com o que já havíamos dito anteriormente, o processo teve início a partir de uma imagem simples, a qual evoluiu para um símbolo pictográfico fonetizado, para só mais tarde se constituir numa palavra. O suporte era, à data, a massa mole de argila (placas de barro), na qual se inscreviam e gravavam, com a ajuda de um estilete, os símbolos gráficos em forma de cunha (até porque era difícil desenhar em barro mole sinais curvos), para depois serem cozidas como se de peças de cerâmica se tratasse (SILVA, 2019, p. 13).

Mesmo nesse período remonto da gênese da escrita, aproximadamente 3100 anos a. C, havia ali essa imbricação permanente entre aquele que olha/ ler, por um lado, e, aquilo que será objeto do olhar/ da leitura, de outro – seja imagem, uma pintura, um rascunho ou a escrita como tal. Trata-se assim de um histórico processo de afirmação não só da escrita como a conhecemos hoje, mas também da própria humanidade na relação com a natureza e o mundo que a cerca, assim como dos humanos consigo mesmos a forja e aperfeiçoar a comunicação.

Daí a leitura está presente nas diversas fases da história da humanidade. No início de maneira concentrada em uma pequena parcela da população que detinham poder aquisitivo elevado, depois de longos períodos se universalizando. Para Chartier (1998, p. 105) “a leitura é um ato intenso, absorvente, que prende

completamente a atenção”. Isso mostra o valor dado à leitura por essas determinadas sociedades.

Naturalmente que cada período histórico será marcado por dificuldades próprias ligado aquele momento histórico único, mas todas serão caracterizadas pelo fato de atribuírem significados e sentidos igualmente próprios a cada tempo histórico pelo qual a leitura vem se afirmando e modificando em cada território, lugar e cultura.

O que se coloca é como, a partir dessa perspectiva histórica, essas formas de leitura estão sendo trabalhadas por instituições responsáveis pela formação do indivíduo ao longo do tempo, de modo a:

Identificar para cada época e para cada meio as modalidades partilhadas de ler – aos quais dão formas e sentidos aos gestos individuais – e que coloca no centro de sua interrogação os processos pelos quais, face a um texto é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construído uma significação (CHARTIER, 1990, p. 122).

É justamente é essa construção histórica, a partir desse processo de atribuição de sentido e significações, que diante de tal reflexão a leitura tem suas particularidades e cada sujeito poderá fazer uma escolha de como melhor compreender as diversas fases do processo literário e que, portanto, possui singularidades no processo de aquisição e compreensão da leitura.

Para Chartier (1998, p. 113) “há três grandes discursos sobre leitura, o da escola, o da igreja e o da biblioteca, que correspondem a três corpos profissionais, os padres, os professores e bibliotecários”. Destaque-se que tais discursos estão relacionados à uma realidade sócio econômica de cada época, pois historicamente a igreja sempre exerceu um poderio muito grande sobre a produção do saber e, portanto, em relação a difusão de livros e leituras, depois vai se espraiando para as camadas mais abastadas. Daí estamos diante de três categorias que lidam diretamente com os processos de leitura. Cada um com suas metodologias de como trabalhar a leitura em seus grupos de atendimento.

No primeiro grupo, os padres, no período da história conhecido como a idade média, esse personagem que era chamado de monge, ficava responsável por guardar o conhecimento contido nos livros. Nesse cenário, a informação era algo restrito a uma pequena parcela da sociedade, no caso a igreja.

No segundo grupo, temos os professores que recebem a “missão” de incentivar e estimular a leitura desde as séries iniciais. Atividade que requer muita dedicação e comprometimento para que sejam formados novos leitores. No terceiro grupo, os bibliotecários, profissionais da informação capacitados para atuarem em diversos ambientes informacionais. Possuem como tarefa mediar a leitura, apresentar o livro (aos desconhecedores) e possibilitar seu acesso.

Para Kleiman (2004, p. 10), “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Dessa forma, a leitura deve ser compreendida como resultado de relações estabelecidas com determinada finalidade. Ler não é simplesmente traduzir, decodificar, repetir dados. Trata-se da construção das diversas possibilidades de interação e compreensão dada ao sujeito leitor.

A leitura por ser um ato social deve estar inserida nas vivências dos sujeitos, levando em consideração suas experiências e habilidades. Quando se trabalha nessa perspectiva o resultado alcançado poderá trazer grandes resultados no processo de ensino/aprendizagem. Na compreensão de Lajolo (1998, p. 16), “a leitura se fortalece e se institucionaliza no avesso das práticas associadas aos modos tradicionais de narrar, de tipo oral, fundados na experiência vivida, de sentido comunitário”. Isso demonstra como a prática da leitura ocorre no universo cotidiano por meio da oralidade e vivência de uma determinada sociedade. E que proporciona a escrita também, conforme as articulações comunitárias baseada na oralidade, leitura e escrita dentro de um campo semântico próprio: o território e seus vocábulos e linguagens.

Lajolo (1998, p. 17) ainda destaca que “a propagação da leitura depende ainda de uma valorização positiva do lazer, já que os livros constituíram uma das primeiras manifestações baratas e acessíveis de entretenimento”. Nesse sentido, torna-se fundamental fazer a relação entre leitura, lazer e entretenimento, pois a partir dessa reflexão a leitura se transforma em fonte de prazer, divertimento e interação.

E o leitor? Esse importante personagem na trajetória da leitura recebe um destaque no livro da autora, intitulado “A formação da leitura no Brasil”, que apresenta o brasileiro como um leitor em formação, realizando um breve apanhado histórico.

Em 1840, o Rio de Janeiro era sede da monarquia brasileira e nesse período inicia-se a preocupação em formar uma sociedade leitora. Época em que já estavam presentes elementos mínimos para a produção e circulação da literatura, entre eles a tipografia, livrarias e bibliotecas. O cenário escolar era precário, mas havia muitas mobilizações reivindicando suas melhorias.

A formação do leitor passa por várias fases, nesse cenário, Lajolo (1998) em um tópico de sua obra mostra o leitor em seu aspecto aprendiz. Para isso discorre sobre o romance *Quincas Borba*, 1981, de Machado de Assis (1839-1908), destacando a “cumplicidade entre narrador e leitor”. Nessa reflexão o leitor passa a dialogar com o narrador e a vivenciar o que está sendo lido. Nesse aspecto Machado de Assis é um exímio provocador do leitor, inclusive a perguntar se este entendeu aquele ou esse ponto da narrativa, ou o trecho que está a ler. Para o leitor trata-se de momento único e agradável em que as possibilidades de interação com o autor acontecerão no decorrer da leitura de sua obra.

Em um cenário histórico acerca da leitura na obra de Zilberman (2010, p. 13) destaca-se que no Brasil por volta dos anos 70 foi diagnosticada uma crise na leitura e isso levou a se pensar em soluções para modificar essa realidade. E “A solução proposta relaciona-se ao assumir de uma concepção de leitura segundo a qual o ato de ler qualifica-se como uma prática indispensável para o posicionamento correto e consciente do indivíduo perante o real”.

A leitura, portanto, apresenta-se como um ponto desafiador para as instituições que a promovem. Conseguir modificar a realidade da crise apresentada nesse período estimulou pesquisas. Uma destas foi na 1ª Reunião Científica da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) que ocorreu na Universidade Federal do Ceará na cidade de Fortaleza em 1978 e na ocasião muitas foram as discussões dos estudiosos preocupados em transformar esse quadro negativo no país.

A prática da leitura ajuda a enfrentar de formação ao mesmo tempo que estimula a repensar a realidade, o pensamento e, logo, sugere novos horizontes e saídas para as crises pessoais e sociais. Por isso “leitura é viagem, mostram os escritores: no sentido literal, quando as obras se deslocam de um centro urbano para o interior de Minas Gerais, conforme recorda Drummond” (ZILBERMAN, 2010, p. 51).

Além disso, o ato ler ou prática da leitura tem que ver não só com formação do indivíduo para a cidadania, mas também com entretenimento e algo gostoso, daí a importância da leitura ser uma atividade de caráter prazerosa, pois na maioria das vezes as pessoas não viajam de maneira forçada, obrigadas, elas voam por prazer, descoberta e principalmente diversão. Este deve ser o sentido de uma leitura prazerosa capaz de encantar e despertar o querer sempre mais.

Raras vezes a escola, seu aparato (como salas de aula), seus instrumentos (como livro didático) e sua metodologia (como a execução do dever de casa) provocam lembranças aprazíveis de leitura. As atividades pedagógicas provocam tédio, quando não são vivenciadas como aprisionamento, controle ou obrigação. A leitura parece ficar do lado de fora, porque os professores não a incorporam ao universo do ensino (ZILBERMAN, 2010, p. 53).

É necessário enfrentar esse processo de apartamento da leitura do universo escolar, pois ela tem uma centralidade fundamental no processo de formação e com o próprio caminho de sucesso dos alunos, pois é impossível pensar educação de qualidade distante da perspectiva da leitura e da escrita. É necessário então pensar e operar na contramão desse isolamento da leitura, a partir de um trabalho em parceria, na escola, com professores, coordenadores e bibliotecários, para que todos estejam focados em prol da formação concreta de novos leitores. Para isso, a leitura passaria a ser inserida no cotidiano do processo de ensino/aprendizado e teria o desafio de assumir uma postura inovadora, capaz de dar respostas às necessidades/dificuldades efetivas do processo de ensino aprendizagem dos discentes.

Os desafios enfrentados por professores, coordenadores e bibliotecários que em suas práticas buscam efetivar a leitura no Projeto Político Pedagógico da escola são inúmeros: as vezes, ocorre o descompromisso até por parte de alguns professores que ainda realizam atividades de leitura como forma de aprisionamento, obrigação. Dessa forma, descontrolam os esforços e as constantes tentativas de fazer um trabalho para estimular os estudantes a procurarem os espaços da biblioteca para que ampliem seu leque de leitura. Somadas a essas práticas, ainda se tem o não comprometimento da própria escola, que por não assumir a leitura como prioridade vai prescindindo o fundamental: o papel da leitura e a formação integral do educando.

Nesse sentido, “a concretização desse projeto depende de alguns fatores: de um lado, de uma política educacional; de outro, de uma política cultural”. (ZILBERMAN, 2010, p. 79). Isso sugere formação continuada dos professores, mas também a realização de um trabalho integrada à luz da realidade da escola, o que, por sua vez, demanda comprometido com a efetivação da leitura para que a escola atinja seu objetivo: a formação integral do aluno, do leitor, cuja política de leitura tem papel central.

Na obra de Zilberman (2010, p. 80) nos é apresentada a escola popular que possui as seguintes características:

- a) Aberta , indiscriminadamente, a toda população;
- b) Eficiente, independentemente da camada social e da região demográfica onde se situe;
- c) Estruturada de modo democrático e público, tanto no plano de sua organização, sendo, pois autônoma e igualitária no que se refere às relações internas entre as pessoas que dela participam, como no plano da concepção de ensino ali ministrado. Transferida à leitura , essa política educacional significa :
- d) Dar acesso à leitura e à escrita para todos, alfabetizando-os eficientemente;
- e) Adotar uma metodologia de ensino da literatura que não se fundamente no endosso submisso da tradição, na repetição mecânica e sem critérios de conceitos desgastados, mas que deflagre o gosto e o prazer pela leitura de textos, funcionais ou não, e possibilite o lido e perante o mundo que o lido traduz.

Esse modelo de escola apontado nos estudos de Zilberman (2010) motiva os agentes que acreditam na leitura com toda sua potencialidade. Grande parte dos avanços dependerá das políticas adotadas por um determinado governo e suas prioridades. E sabendo que mesmo constando na constituição como direito fundamental a educação ainda precisa ser ampliada em diversos aspectos, e a leitura é um deles.

Para isso, torna-se fundamental que ações voltadas aos trabalhos com leitura sejam apoiadas por diversos atores do processo (professores, coordenação, direção, pais, governos). Apoio que deve se estender a todas as atividades que tenha mediação o livro e/ou o texto, contação de história, roda de conversa (a literária); tudo isso porque a leitura tem um papel fundamental no desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Segundo Silva (1991, p. 75) a leitura pode ser entendida como “processo ou prática social que permite à pessoa compreender a sua razão de ser no mundo,

buscando incessantemente, mais conhecimento sobre a realidade”. E com base nessa reflexão destacamos a importância de se realizar ações de mediação da leitura, contação de história, varal de poesia, campeonato da leitura, você é o autor voltadas ao incentivo e estímulo à prática constante da leitura, visto que faz parte do universo formador da pessoa humana.

Ainda dentro desse cenário, olhar para as possibilidades que a leitura pode trazer ao universo educativo torna-se uma ferramenta positiva. Principalmente nas fases iniciais na formação do sujeito, se bem trabalhada, será possível contribuir na formação de novos leitores, estes com olhar crítico, capazes de contribuir com sua própria realidade.

Os fundamentos teórico-metodológicos referentes à leitura nos apontam ações que apresentam como ponto principal fortalecer e implementar a promoção e o hábito da leitura para contribuir de forma positiva no cotidiano educacional dos sujeitos que compõem o universo escolar. As concepções aqui mencionadas têm convergência ao afirmarem que a leitura faz parte do contexto social, histórico e cultural do indivíduo, por isso deve ser trabalhada continuamente para que o leitor consiga compreender de forma crítica e participativa no universo textual/literário/narrativo e em uma determinada sociedade.

Vale ressaltar que, apesar de sabermos da importância da leitura no processo de ensino-aprendizagem, na realidade atual ainda existem lacunas que precisam ser superadas, por exemplo: “as escolas ao invés de promoverem e dinamizarem matam o potencial da leitura dos nossos estudantes” (SILVA, 1991, p. 78). Na medida que não possibilitam e estimulo a sua prática, tanto dentro de sala de aula como fora, pois, as vezes a aprendizagem se dá melhor fora, no ar livre ou no auditório ou ginásio da escola, quiçá numa aula de campo.

Podemos colocar como exemplo de atitudes que muitas vezes são contrárias às práticas de estímulo e incentivo à leitura, o caso das fichas de leitura, em que os estudantes são obrigados a responderem questões relacionadas ao que foi lido. Assim o discente não é livre para escolher sua leitura, nem tampouco instigado pela espontaneidade ou pelo título e tema que lhe agrada, mas por uma obrigação, como dever de fazer, a sugerir algo sem prazer e querer.

Sabe-se que em algumas situações a leitura precisa ocorrer para uma determinada atividade, mas essas ações precisam ser bem planejadas para não causar o afastamento de um possível leitor, de modo a parecer algo impositivo.

Infelizmente, a prática de muitos professores ainda está arraigada a um ensino de leitura como uma simples decodificação de códigos, que é insuficiente para a formação de leitores competentes e ativos.

Dessa forma, as práticas de ensino, que se baseiam nessa metodologia, consideram o texto como único elemento total e absoluto e não levam em consideração quem lê, nem o processo de construção das realidades.

No cenário da leitura e literatura, Tinoco (2014, p. 121) destaca que é preciso “reconstruir o novo sobre as marcas de uma relação pedagógica professor-aluno rotineiramente desgastada. No desejo de aprimorar o ensino”. E ainda reforça que é preciso estabelecer “um sentido mais efetivo da aprendizagem”. Nessa linha o autor aponta para a preocupação em formar professores capazes de realizar um trabalho que alcance os discentes diante de tantas possibilidades oferecidas pelo mundo contemporâneo.

Para o autor, o professor deve estimular seu público a realizar uma leitura eficiente, capaz de sair do mundo real que oferece muitos consumos competitivos. Como ele afirma seria “desapegando-se de exigências da pressa pelo número de páginas, da quantidade informacional pelo conhecimento qualitativo” (TINOCO, 2014, p. 126).

Na efetivação desse trabalho a sala de aula representa muito, pois segundo o autor agrega “Ensino, conhecimento e leitura são três dos componentes básicos para qualquer intenção de aquisição de novas mensagens, novas linguagens, novas percepções de mundo e de pessoa” (TINOCO, 2014, p. 132). É nesse ambiente que novas possibilidades poderão ser construídas e como já mencionado antes é lá que ocorrerão as interações entre os sujeitos no universo da aprendizagem. Segundo o autor:

É fundamental, também no ambiente educacional de sala de aula, sob essas macropercepções dialógicas leituras – literatura/escola – cidadania e para a mudança dos paradigmas de ação nacional-mundial, que a autoconfiança e a crença no outro sejam restabelecidas como parâmetros que permitam a inserção da pessoa no processo mesmo de globalização informacional (TINOCO, 2014, p. 133).

Assim, os processos de interação vivenciados durante as atividades que objetivam estimular a leitura podem ser pensados nessa perspectiva, em que os sujeitos com suas experiências literárias irão realizar a troca de suas referidas

informações. Aqui a leitura passa a desempenhar o papel social tantas vezes descrito por teóricos da área.

Ainda nessa perspectiva, o papel social da leitura está intimamente relacionado a tudo o que poderá proporcionar ao sujeito que a possui, pois por meio das habilidades adquiridas com a leitura, este irá desempenhar um papel significativo na sociedade em que vive. Será capaz de realizar a já mencionada leitura de mundo, muitas vezes lembrada por Paulo Freire. Seria o inverso da leitura mecânica, na qual o indivíduo não consegue fazer uma reflexão aprofundada daquilo que leu, não é capaz de contextualizar a história, cultura e as demandas da sociedade. Assim, o simples ato de ler mecanicamente é insuficiente para inserir plenamente o sujeito na sociedade.

3 A LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR

Nesse capítulo abordaremos a leitura na perspectiva escolar, dando ênfase para as estratégias de leitura assim como sua importância privilegiada no âmbito das disciplinas que compõem a educação básica, cujo estímulo é fundamental para garantir não só o acesso à educação formal, mas também a permanência e o sucesso dos alunos na escola.

3.1 Estratégias de leitura

Segundo Cantalice (2004, p. 105) as estratégias de leitura podem ser conceituadas como “técnicas ou métodos que os leitores usam para adquirir a informação, ou ainda procedimentos ou atividades escolhidas para facilitar o processo de compreensão em leitura”. Tais ações são voltadas principalmente aos discentes que necessitam de orientação para realizarem a tarefa de leitura. Devem ser planejadas de acordo com a necessidade de cada turma, com o objetivo de facilitar o entendimento do que está sendo lido.

Cantalice (2004, p. 105) apresenta os estudiosos Duke e Pearson (2002) que apontam seis tipos de estratégias de leitura, quais sejam, “predição, pensar em voz alta, estrutura do texto, representação visual do texto, resumo e questionamento”. Vejamos cada uma delas: a primeira, a predição, “implica em antecipar, prever fatos ou conteúdos do texto utilizando o conhecimento já existente para facilitar a compreensão” (CANTALICE, 2004, p. 105). Trata-se de levantar questões e pistas para que as mesmas sejam ou não confirmadas pelo leitor ao longo da leitura, uma espécie de leitura prévia, que todavia precisa de ser confirmada pelo próprio leitor. Na segunda estratégia, “pensar em voz alta”, ocorre quando “o leitor verbaliza seu pensamento enquanto lê”, ou seja, quando se põe a ouvir a própria voz no ato de ler para desenvolver habilidades mentais e verbais. A terceira, a análise da estrutura textual, possibilita aos estudantes “a aprenderem a usar as características dos textos, como cenário, problema, meta, ação, resultados, resolução e tema” (CANTALICE, 2004, p. 105). A quarta, a representação visual do texto, irá auxiliar os “leitores a entenderem, organizarem e lembrarem algumas das muitas palavras lidas quando formam uma imagem mental do conteúdo” (CANTALICE, 2004, p. 105). A quinta estratégia, o resumo, os estudantes poderão

compreender de modo global o texto, visto que irão fazer a marcação do que consideram mais importante na leitura que estão a fazer. Por fim, a sexta estratégia, o questionamento, permite ao leitor entender o conteúdo lido e fazer uma reflexão sobre o que leu a partir de questionamentos sobre ele (o texto). Nesse ponto, a compreensão e a interpretação integral do texto melhora à medida que os alunos aprendem a formular questões sobre o próprio objeto da leitura, isto é, o texto.

Vale destacar que as estratégias de leitura do texto ajudam no estudo e favorecem uma melhor compreensão dos conteúdos. Também demandam de quem ler uma participação ativa, e assim podendo ser aplicada nas várias e diversas atividades de cada disciplina ou de modo interdisciplinar, cuja aplicação pode se dar em qualquer texto e os respectivos níveis de compreensão.

Nessa perspectiva, a utilização das estratégias de leitura em sala de aula, possibilita a prática cotidiana da leitura, permitindo que os discentes ultrapassem as dificuldades encontradas no percurso do seu aprendizado. O professor, nesse quesito, desempenha um papel de grande importância ao dar condições para que as ações aconteçam por meio de técnicas e procedimentos para facilitação no processo de compreensão das diversas leituras.

Assim, a leitura no ambiente escolar ganha cada vez mais relevância e passa a ser de extrema importância, pois aliada às práticas educacionais poderá alcançar resultados positivos no dia-a-dia da escola, em todos os seus níveis, da educação infantil a educação superior. No caso particular da educação infantil, estas estratégias nos remetem aos processos iniciais de leitura que ocorrem nas séries de alfabetização que atualmente recebe a nomenclatura de primeiro ano do ensino fundamental I, turma em que as crianças iniciam o trabalho com o sistema de escrita alfabética mais fortemente, mas já estão em trabalho de letramento que é ainda mais social.

Em sua reflexão sobre letramento e alfabetização, Soares (2004, p. 6) apresenta a diferença “nas relações entre as práticas sociais de leitura e de escrita e a aprendizagem do sistema de escrita, ou seja, entre o conceito de letramento [...] e o conceito de alfabetização”.

Dessa forma, há um apanhado histórico em relação às práticas sociais de leitura e escrita, para o qual estas, ao longo do processo de ensino- aprendizagem revelam uma população que mesmo alfabetizada não consegue realizar uma leitura

necessária para “participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita” (SOARES, 2004, p. 7).

Ao contrário do que ocorre em países do primeiro mundo, como exemplificado com França e Estados Unidos, em que a aprendizagem inicial da leitura e da escrita – a alfabetização, para usar a palavra brasileira – mantém sua especificidade no contexto das discussões sobre problemas de domínio de habilidades de uso da leitura e da escrita – problemas de letramento –, no Brasil os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam (SOARES, 2004, p. 7).

Esse cenário mostra que os conceitos de alfabetização e letramento estão caminhando de forma conjunta, mas com suas determinadas funções. Na alfabetização os discentes iniciam o processo de reconhecimento dos sinais, códigos da língua escrita. No letramento eles adquirem habilidades para a leitura.

Nessa fase da vida escolar, ou seja, nos primeiros anos do ensino fundamental, “o ato de ler implica conhecer os sinais, os códigos, o alfabeto e ser capaz de dar significados a esses códigos, a esses sinais” (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 2). Tais etapas irão fazer parte do contexto dos estudantes nessa fase escolar e se bem trabalhadas serão inseridas na vida dessas crianças de forma positiva e conseqüentemente a leitura irá ser absorvida como fonte de conhecimento ao longo de toda a vida.

“Após passarmos por fases históricas em que a linguagem oral e escrita foi predominante em nossa sociedade, na atualidade, a atenção volta-se para a [...] a linguagem digital” (ALMEIDA; CERIGATTO, 2016, p. 203). Esta muito utilizada nos tempos atuais para estabelecer a comunicação entre os indivíduos. Baseia-se na utilização de códigos binários envolvendo a oralidade e a escrita nos diversos contextos da sociedade.

Com base nessa discussão a autora destaca a importância dos educadores estarem atentos às novas possibilidades de linguagem e comunicação. Para ela, trata-se de “refletir sobre os novos perfis de leitores, sobre suas habilidades diante de novos textos e também as habilidades dos novos produtores de informação” (ALMEIDA; CERIGATTO, 2016, p. 203).

Nesse novo cenário, é preciso pensar novas formas para atingir as habilidades de leitura e escrita dos estudantes, pois diante das novas possibilidades de linguagem e comunicação o educador precisa compreender e assimilar essa

nova forma de estimular a leitura contextualizando às novas realidades colocadas pelo mundo digital.

Em seus textos, Almeida e Cerigatto (2016, p. 204) apresentam as definições de Kenski (2007, p. 32), a partir da discussão que “a base da linguagem digital é o hipertexto, sequências em camadas de documentos interligados, que funcionam como páginas sem numeração e trazem informações variadas sobre determinados assuntos”. É nesse novo contexto em que os discentes podem escolher suas leituras, por meio de imagens, áudios, vídeos, enfim: é a partir daí que se tem o perfil do novo leitor. Aqui ele poderá fazer suas opções e também sugestões da sua área de interesse. Trabalhar a leitura e a escrita dentro dessa realidade passa a ser um desafio aos educadores que buscam no dia-a-dia fomentar e estimular o hábito e a promoção da leitura.

O leitor da geração “Y” já não lê da mesma forma que o leitor de gerações antigas, e também diversificou bastante suas fontes de informação por causa das mais variadas possibilidades de produção de conteúdo, agora descentralizada das grandes empresas e veículos de comunicação (ALMEIDA; CERIGATTO, 2016, p. 205).

Essa realidade mostra a necessidade de se planejar ações que levem em consideração as novas possibilidades com trabalhos envolvendo a prática da leitura, a partir do perfil aí desenhado da geração “y” que manuseia quase que permanentemente o hipertexto, cuja lógica é dinâmica, rápida e não linear, dada a intertextualidade ser sua marca maior.

Nesse sentido, é indiscutível a importância da leitura na vida do ser humano, pois por meio de sua aquisição é possível torna-se um ser capaz de questionar seus direitos, garantir cidadania e transformar suas realidades. Criar no ambiente escolar desde cedo o hábito pela leitura torna-se fundamental, uma vez que a leitura provoca transformações pessoais e sociais.

Segundo Ruffato (2018 p. 43) “um livro passa a existir não quando é publicado, mas quando um leitor, no silêncio da biblioteca, retira-o da prateleira e, percorrendo as suas páginas, insufla, com sua imaginação”. Assim, podemos perceber o quanto valioso é o ato de ler, visto que possibilita formação e pensamento crítico, pois quanto mais se lê mais se busca repensar o próprio pensamento e a prática do indivíduo no mundo e consigo mesmo: trata-se da

interação entre livro e leitor – cujo vivido e inventado é uma relação constante – um a mexer com o outro.

Na exposição de Ana Maria Araújo Freire, temos um breve relato da história de Paulo Freire (1921-1997), um dos maiores educadores brasileiros e do mundo, pensador e filósofo da emancipação humana que trabalhou durante sua vida (acadêmica e profissional) os conceitos relacionados à leitura no processo de formação do aluno e professor, ele que revolucionou a relação professor-aluno, uma vez que via como inseparável a relação entre docência e discência, porque ambos estão em processo de aprendizagem e ensinamento, apesar da especificidade de um e de outro. Para Ana Freire (2015, p. 293) “Paulo foi capaz de construir um diálogo para o saber e o conhecer absolutamente genuíno: dele com o mundo, através da análise das relações mais diversas entre os homens e as mulheres entre si, e com ele mesmo”.

Nessa perspectiva Freire (2015, p. 293) apresentou uma teoria pedagógica que como afirma a autora “ultrapassou os muros da que necessita a educação escolarizada”. Mostrou que a educação se constrói por meio de parcerias e valorização das experiências que cada sujeito traz em sua história. Desta a leitura de mundo “uma epistemologia, uma teoria do conhecimento, uma compreensão crítica da educação na qual disse a sua palavra lendo o contexto do mundo ditado pelo texto” (FREIRE, 2015, p. 293).

De fato, Paulo Freire apresentou uma teoria pedagógica, à luz do pensamento crítico de viés marxista sem ser ortodoxo, que “ultrapassou os muros de que necessita a educação escolarizada” (FREIRE, 2015, p. 293). Pois a educação é uma construção (das condições) para se possibilitar a aprendizagem e não se dá como processo de transmissão de conhecimento, aquela da educação bancária, de cima pra baixo; pelo contrário se constrói por meio do desmascaramento da realidade, da afirmação da aliança com as camadas populares por sua emancipação e conseqüente a valorização das experiências que cada sujeito, ou seja, a partir da consideração da identidade cultural de cada povo. Daí extrair “uma epistemologia, uma teoria do conhecimento, uma compreensão crítica da educação na qual disse a sua palavra lendo o contexto do mundo ditado pelo texto” (FREIRE, 2015, p. 293).

É nesse cenário de defesa de uma prática transformadora que ocorria por meio da palavra e a concretização dela, a unidade entre teoria e prática, a chamada práxis educativa, para que houvesse coerência cada vez maior entre o que se fala e

o que se faz, entre a teoria e o testemunho. Para ele, a palavra de ser corporificada pelo exemplo, a fim de se estabelecer um diálogo permanente no processo educativo, cuja tônica é o respeito entre os sujeitos, a partir da valorização de cada pessoa com sua individualidade e dignidade próprias. “É possibilitar que sejamos sujeitos da história também e saíamos da condição de apenas objeto da sociedade” (FREIRE, 2015, p. 293).

A leitura da palavra para Paulo estava sempre irremediavelmente imbricada, vinculada ao ato de escrever, ao sujeito que lê/escreve; ao que se passa ou se passou no mundo concreto, como o vemos e interpretamos diante da ideologia que temos e praticamos. A leitura sistematizada de um texto/contexto para ser entendida criticamente – aliás, nenhuma leitura da palavra e do mundo pode ser verdadeira se for feita tendenciosa e “neutramente” ou ingenuamente – tem, portanto, algumas condições: o sujeito curioso “desarmado” de preconceitos, aberto a aceitar pensar sobre o novo, ou mesmo sobre o velho dito e entendido de maneira crítica (FREIRE, 2015, p. 294).

Ler, escrever e pensar o mundo na perspectiva paulofreiriana significa 36oma-lo criticamente numa relação dialética entre sujeito e objeto, entre educador e educando, entre ensinar e aprender, entre mundo e o sujeito que o constrói, de modo tal a tratar os alunos/leitores (as classes populares) como sujeito de sua história, unicamente responsáveis pela transformação da condição de objeto que foram historicamente submetidos. A leitura sob esse ângulo nos faz pensar em trabalhar as realidades, o concreto, a cultura, o cotidiano. Pois a sempre uma associação entre leitura e escrita, porque ambas devem caminhar juntas, para que os indivíduos consigam realizar a leitura de mundo de forma crítica e atualizada, além de serem capazes de refletir e questionar o que vivenciam. Trata-se, portanto, de uma leitura transformadora, à luz de um pensamento profundamente crítico e aberto ao novo, à mudança.

Reforça-se assim a ideia segundo a qual a leitura pode ser compreendida como uma experiência individual a abranger muitos significados e possibilidades. Para cada leitor representa uma realidade, informação e experiência particular. A leitura, portanto, permite adquirir novos saberes, prazeres, reflexões e ações com e no mundo.

Nesse sentido que para Côrte e Bandeira (2011, p. 3) “o papel da biblioteca escolar é incentivar a leitura reflexiva, pois através dela o aluno terá outra concepção do texto, não como algo estático, desprovido de sentido e de valor, mas

como algo vivo”. Isso nos mostra a importância de se realizar trabalhos que estejam aliados ao compromisso de formar leitores por meio de ações criativas, atrativas e prazerosas.

3.2 A leitura no processo pedagógico

Se formos realizar uma pesquisa para verificar o motivo de alguns fracassos no decorrer da formação educacional de uma pessoa, logo virá em nossas mentes uma questão relacionada à dificuldade que muitas pessoas têm em praticar a leitura. Para Neves (2007, p. 17):

Se o aluno não conseguir ler com propriedade e não tiver, em paralelo, oportunidade e condições de desenvolver processos de pensamento que lhe permitirão construir novas ideias, associando informações advindas da leitura com conhecimentos e experiências anteriores, dificilmente poderá evidenciar aprendizagem ou aproveitamento de estudos.

Por conta disso, os contextos vivenciados por discentes envolvidos no processo de leitura devem ser levados em consideração, pois poderão facilitar a aquisição de novas habilidades para o exercício da leitura. Nesse sentido, “a reflexão do professor acerca do significado da leitura no processo de ensino e de aprendizagem, bem como da melhor maneira de incentivá-la junto aos seus alunos, deve ser bem trabalhada” (NEVES, 2007, p. 17).

Por isso, o papel representado pela ação do professor é estratégica à medida que ele é o facilitador/estimulador do processo de promoção da leitura, o que deve se dar de forma positiva, comprometida e significativa para o aluno e o próprio professor, resultando assim em relevante processo de formação dos estudantes. Atividades bem planejadas de forma a incentivar a leitura farão toda diferença na vida de cada sujeito que passa por esse processo de ensino/aprendizagem.

Veamos resumidamente a importância do desenvolvimento de atividades com leitura em sala de aula e a respectiva relação das funções da leitura dos textos com à função da linguagem:

- a) Normativa: textos prescritivos (leis, regulamentos, avisos);
- b) Instrumental: manuais, instruções, receitas, indicações;
- c) Heurística: textos reflexivos, questionários, relatórios de pesquisa;
- d) Dramática: textos dramáticos, nos quais a função apelativa (ativa, conativa, interativa) da linguagem se cumpre;
- e) Léxica, ortográfica, morfossintática: corresponde à função metalinguística da linguagem e para sua mobilização concorrem os textos que favorecem a melhoria e ampliação do vocabulário, a correção do texto escrito e a familiaridade com sua estrutura linguística;
- f) Pessoal, imaginativa e criativa, relacionada aos textos biográficos, literários, reflexivos correspondem à manifestação da função expressiva da linguagem (NEVES, 2007, p. 19).

Essas informações estão inseridas no cotidiano educacional dos estudantes e quando bem trabalhadas possibilitarão aumento significativo no desempenho efetivo do ensino e aprendizagem. Trata-se, portanto, de uma parceria visível entre os diversos profissionais que compõem o quadro da educação. Todos empenhados e comprometidos em ações que trabalhem a leitura de maneira a alcançar o objetivo de formar novos leitores.

Para Silva (1991, p. 77) “o ensino da leitura deve ser uma preocupação permanente dos professores durante o período de escolarização dos estudantes”. Essa motivação deve ocorrer desde alfabetização e continuar nas séries seguintes, pois formar leitor deve ser um objetivo constante da escola. Assim, os profissionais responsáveis por estes ambientes, mais do que nunca, devem ser inovadores, ou seja, que acompanhem metodologias atrativas capazes de envolver os estudantes no universo criativo da leitura.

3.3 A formação do leitor no ambiente escolar

O ambiente propício para iniciar projetos que envolvam o estímulo e hábito por leitura é sem sombras de dúvida a escola, pois é lá que oficialmente o sujeito passa a receber uma formação formal. E de acordo com as ações desenvolvidas nesse espaço tão importante para trabalhar as relações, conhecimentos e habilidades, como resultados se terá um sujeito capaz de realizar diversas leituras nos ambientes em que estiver inserido.

Segundo Macedo (2007, p. 48): “em qualquer situação, portanto, para atingir a meta básica de um programa de leitura, é preciso contar com forte determinação de educadores, tanto na qualidade de agentes do processo” bem como facilitadores da leitura. Os facilitadores poderão ser os professores que estão em sala de leitura,

bibliotecários em bibliotecas e até os próprios discentes que podem ser multiplicadores da leitura.

Dessa forma, os trabalhos em parceria que ocorrerão nos ambientes propícios ao desenvolvimento da leitura podem contribuir de forma positiva no processo de ensino e aprendizagem. Tais ações podem ir da sala de aula aos projetos desenvolvidos em outros espaços da escola, como é o caso da Biblioteca Escolar (BE). Aqui um destaque especial aos bibliotecários que desempenham o papel de mediador e facilitador da leitura em parceria com o corpo docente da escola.

Desse modo, “a leitura favorece, apoia e amplia formas de comunicação em que as pessoas envolvidas dialogam e interagem, através de diversos textos [...] vêm contribuir para a evolução e a formação do indivíduo” (FARIAS, 2017, p. 12).

Confirma-se assim as abordagens que destacam a leitura como fonte contínua de formação, uma vez que é base de interação, informação e conhecimento, pois instiga e amplia os horizontes de quem o faz, ou seja, o estudante. Nesse particular, aqueles que se dedicam a leitura, por meio da utilização dos textos trabalhados e disseminados nos diversos ambientes em que os sujeitos estão inseridos, terão sua formação ampliada.

A leitura deve ser parte do cotidiano de aprendizagem do indivíduo, porque por meio desse instrumento ele consegue ampliar experiências, compartilhar saberes e emoções sobre as quais perpassarão toda sua existência: pois há leituras que nos marcam a vida, a mente, o coração. Ler, por conseguinte, possibilita ao sujeito não só ampliar seus conhecimentos, histórias de vida, experiências, mas também alçar voos para novas viagens, novo caminhos e novas aventuras humanas. Não ler, portanto, é não voar! É parar no tempo! É desistir!

Por isso, “a leitura participa do desenvolvimento intelectual do indivíduo desde o início de sua existência. No processo de escolarização, mais especificamente na fase inicial de letramento” (FARIAS, 2017, p. 13). E aqui o papel do professor, enquanto facilitador que viabilizará o processo inicial de leitura, representará muito para o desenvolvimento de ações pedagógicas voltadas ao incentivo, promoção e hábito da leitura.

Reforçando o princípio de que a leitura representa uma ação essencial para a formação do indivíduo, a escola passa a ser uma instituição que tem como missão estimular nos estudantes, o gostar da prática leitora, após essa primeira tarefa

deverá estimular por meio de campanhas e ações educativas o valor dessa prática não somente na escola, mas também dentro dos contextos em que vivem.

Nesse sentido, o professor tem um importante papel como mediador de leitura, pois irá unir habilidades técnicas e sensibilidade para desenvolver atividades de leitura com a utilização de vários gêneros textuais, valorizando o conhecimento já trazido pelos estudantes como maneira de estimular a compreensão do que está a ler, a decodificar e redecodificar. Porque:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção de significado do texto, considerando os seus objetivos, o seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, e tudo o que ocorre na narrativa que pode ser articulado com outras disciplinas e temas estudados. Sendo assim, o educador deve ter conhecimento sobre “o que é leitura”, de que forma ele pode atuar para promover uma troca de aprendizagem com o educando, buscando a intencionalidade de propiciar os saberes científicos e de mundo” (FARIAS, 2017, p.15-16).

Saber o que é leitura, enquanto processo de atribuição de significados e resinificados, assim como se apropriar das técnicas de como estimular a leitura na perspectiva da formação de leitores, é algo fundamental não só para refletirmos sobre as experiências desenvolvidas no ambiente escolar, que devem primar em valorizar o que os discentes já trazem de seu mundo cultural, mas também aprendermos humildemente sobre os inúmeros processos de incentivo de leituras e leitores no ambiente escolar e fora dele. Isso irá facilitar a aquisição de novas habilidades para realizarem leitura e troca de saberes.

Sob o prisma dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua portuguesa, leitura é não só um processo mas também uma atividade que supõe seleção, antecipação, inferência e verificação. Vejamos:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação, sem os quais não é possível proficiência (BRASIL, 2001, p. 69).

Se aqui leitura não pode ser reduzido apenas a decodificação, “letra por letra, palavra por palavra”, tampouco pode ser tratada como uma atividade mecânica, feita pela pura obrigação, deve ser, sim, considerada como um processo

cuja tarefa do leitor é ativa e protagonista. Por isso que devemos intensificar as diversas leituras e seus processos no interior da escola para que ela ocorra também fora dela. Intensificar a leitura na escola justamente para abrir um grande leque de possibilidade para que os alunos galguem cada passo de seu processo formativo de modo a ir ao encontro do pleno desenvolvimento humano.

Nesse sentido que a leitura possibilitará fornecer a chave para a ampliação do saber, sobretudo quando esta se intensificar no âmbito escolar. Daí os Parâmetros Curriculares Nacionais elencarem estas possibilidades reunidas no Quadro 1:

Quadro 1 – Possibilidades da leitura.

Nº	O QUE A LEITURA PODE POSSIBILITAR
01	Ampliar a visão de mundo e inserir o leitor na cultura letrada;
02	Estimular o desejo de outras leituras;
03	Possibilitar a vivência de emoções, o exercício da fantasia e da imaginação;
04	Permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita: escreve-se para ser lido;
05	Expandir o conhecimento a respeito da própria leitura;
06	Aproximar o leitor dos textos e os tornar familiares — condição para a leitura fluente e para a produção de textos;
07	Possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens;
08	Informar como escrever e sugerir sobre o que escrever;
09	Ensinar a estudar;
10	Possibilitar ao leitor compreender a relação que existe entre a fala e a escrita;
11	Favorecer a aquisição de velocidade na leitura;
12	Favorecer a estabilização de formas ortográficas.

Fonte: Adaptado de Brasil (1997).

Dessa forma, fica evidente que o trabalho com a leitura no contexto escolar representa muito no processo de ensino e aprendizagem, pois as ações pensadas quando estão voltadas para a valorização do que os discentes já possuem enquanto saber, irão contribuir na efetiva formação de novos leitores. Estes passando a compreender e a interpretar sem dificuldades os diversos textos trabalhados em sala de aula. A partir dessas possibilidades, destaca-se o professor como mediador e facilitador desse processo, uma vez que ele peça chave, tanto quanto o aluno, no

processo de aprendizagem. Nesse sentido, cabe destacar o conceito definido por Vygotsky (2007), Zona de Desenvolvimento Proximal, que traz o professor como mediador das possibilidades do ensino-aprendizagem.

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (VYGOTSKY, 2007, p. 118).

Trata-se do que o Vygotsky (2007) descreve como zona proximal, em que ao desenvolver as atividades com seus discentes, o professor deve valorizar os processos de interação, emoções e experiências já vivenciadas por esses indivíduos. Traduz-se como um processo de intermediação, pois por meio dessas relações estabelecidas o sujeito consegue se desenvolver e acumular novos conhecimentos, a partir da ajuda de seu facilitador, ou seja, o professor.

Assim compreendemos que a biblioteca escolar não pode ser vista somente como um local de pesquisa, mas também é necessário ser observado como um espaço de interação, aprendizagem, cultura e desenvolvimento cognitivo de seus estudantes. Além disso, a biblioteca pode proporcionar para a sua comunidade em volta, o acesso e o uso da informação, e por isso, a mesma tem um papel de fomentar a cultura e incentivar a leitura.

A biblioteca escolar é uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educacional e participa de seus objetivos, metas e fins. A biblioteca escolar é um instrumento de desenvolvimento do currículo e permite o fomento da leitura e a formação de uma atitude científica; constitui um elemento que forma o indivíduo para a aprendizagem permanente; estimula a criatividade, a comunicação, facilita a recreação, apoia os docentes em sua capacitação e lhes oferece a informação necessária para a tomada de decisões na aula (ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS, 1985, p. 22).

Conforme a *International Federation of Library Associations* (IFLA, 2005), a biblioteca integra a escola, ou seja, é por meio dela que é disponibilizada a informação, auxiliando assim os professores nas suas ações pedagógicas e no processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos. Além do mais, destaca-se que a biblioteca escolar tem um papel tão importante, pois é um elemento que prepara o

indivíduo para a aprendizagem ao longo da vida, possibilitando dessa forma, o seu desenvolvimento do pensamento crítico e inovador, ou seja, tem o intuito de conseguir preparar para atuar como cidadãos dentro da sociedade em que vivem.

Em suma, pode-se dizer que a biblioteca escolar precisa proporcionar ao seu público, um suporte necessário e adequado, na obtenção de conhecimento e informação atualizada, segundo as necessidades exigidas pelas diferentes áreas do currículo, assim como, servir de apoio à equipe de professores, para incluir o estudante de modo ativo dentro do seu processo de aprendizagem.

Entretanto, enfatiza-se que os objetivos de uma biblioteca escolar, não podem se resumir somente a esses fatores descritos acima, estão muito além desses aspectos. Sobre esse assunto, autores como Hillesheim e Fachin (1999, p. 68), descrevem que objetivos básicos da biblioteca escolar são:

Ampliar conhecimentos, visto ser uma fonte cultural; – colocar à disposição dos alunos um ambiente que favoreça a formação e desenvolvimento de hábitos de leitura e pesquisa; – oferecer aos professores o material necessário à implementação de seus trabalhos e ao enriquecimento de seus currículos escolares; – colaborar no processo educativo, oferecendo modalidades de recursos, quanto à complementação de ensino-aprendizagem, dentro dos princípios exigidos pela moderna pedagogia; – proporcionar aos professores e alunos condições de constante atualização de conhecimento em todas as áreas do saber; – conscientizar os alunos de que a biblioteca é uma fonte segura e atualizada de informações; – estimular nos alunos o hábito de frequência a outras bibliotecas em busca de informações e/ou lazer; – integrar-se com outras bibliotecas, proporcionando intercâmbios culturais, recreativos e de informações.

Logo, entende-se que os principais objetivos das bibliotecas escolares podem ser descritos como aqueles que integram o currículo às necessidades da comunidade escolar que fazem parte; estão voltados para o auxílio na formação e desenvolvimento de indivíduos com pensamento crítico, reflexivo e com criatividade; além disso, estão pautados na participação do processo de ensino e da aprendizagem dos alunos, não esquecendo também de atuarem de acordo com as políticas da instituição de onde trabalham.

Dessa maneira, os objetivos traçados aí, possibilitam refletir a importância que a biblioteca tem no tocante a sua missão, exercendo também o seu papel educativo, por isso, é tão importante no ambiente escolar, numa sociedade cada vez mais letrada.

Sob essa perspectiva, existem três tipos de funções básicas que podem ser descritas em relação à biblioteca escolar, como por exemplo, a função educativa que serve de suporte para o desenvolvimento de atividades curriculares que tenham o objetivo dar maior qualidade ao ensino-aprendizagem. A função cultural e social é considerada como um espaço em que os produtos da cultura (livros, jornais, revistas, gibis, mapas, etc.) são disponibilizados para a comunidade escolar e a função recreativo-educativa na qual permite que o usuário construa um novo conceito de biblioteca, assim, começa a frequentar a biblioteca por lazer e prazer; e não somente por obrigação ou castigo (HILLESHEIM; FACHIN, 1999).

Apesar de ainda encontrar-se as margens do sistema de ensino, a biblioteca escolar, consegue desempenhar funções imprescindível em relação ao contexto educacional, e por isso, colabora para a formação dos individuo com o pensamento crítico e reflexivo (CORRÊA *et al.*, 2002).

Em se tratando da realidade da cidade Alenquer, ganha maior relevância a intensificação de leitura no ambiente escolar, a partir de um planejamento que dê conta de envolver o conjunto das escolas da cidade, de modo a desenvolver projetos de leitura que contemple não só as salas de leitura ou possíveis bibliotecas, mas sobretudo as disciplinas sobre as quais a leitura dever ser permanentemente estimulada e praticada. Isso constituiria um passo fundamental para enfrentar e melhorar os indicadores educacionais do município, cujo Índice de Educação Básica (IDEB) é de 4,0 (INEP, 2017).

3.4 As diferentes literaturas como contribuição na formação do leitor

Possibilitar a aproximação do educando com a leitura deveria ser o principal papel da literatura nos espaços de educação. Porém, ainda existem inúmeros obstáculos para efetivar essa aproximação, principalmente no que se refere a imposições de textos, leituras, e isso colabora para que o estudante se distancie cada vez dos espaços que deveriam ser promotores da leitura por meio de atividades lúdicas, criativas e de prazer.

Antônio Cândido (1972, p. 84), em seu ensaio “A literatura e a formação do homem”, explicita três funções da literatura, dentre elas a função formadora:

A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta.

A literatura, para além do formalismo escolar e da educação moral e cívica, é fundamentalmente uma necessidade da humanidade, desde a criança até o velho, para isso ela tem uma função psicológica – a de satisfazer essa necessidade. Tem também o papel de transformar o leitor, de educar. E, por fim, ela pode demonstrar uma determinada realidade social e humana. Mas não formalista e ou bancária, pelo contrário tem vínculo com a rebeldia e a perspectiva crítica.

O certo é que a literatura tem um valor de fundamentalmente importância para a cultura e a para escola, para as bibliotecas que, na verdade, são as guardiãs dos clássicos e da boa literatura. As bibliotecas nesse sentido representam um instrumento capaz de transformar realidades. Infelizmente, muitos sujeitos ainda não têm acesso à literatura e a escola pode ser esse espaço promotor e divulgador da literatura, daí pensar em formas atrativas para oferecer ao leitor, principalmente autores amazônidas, como Benedito Monteiro, Benedito Nunes, Bruno de Menezes, Eneida de Moraes, Dalcídio Jurandir e tantos outros literatos parauaras.

Sobre a utilização da literatura nesse processo, Antonio Candido (1995, p. 249), a indica como um instrumento importante de humanização, já que este é:

Um processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo, dos seres, o cultivo do humor.

Como podemos perceber a literatura permite ao homem o exercício constante da reflexão, cabendo a ele realizar a leitura de mundo por meio das convivências com diversas realidades. A literatura nesse contexto passa a exercer função fundamental no processo diário das relações, saberes e troca de experiência.

Dentro da literatura, podemos refletir sobre a literatura infantil e juvenil que apresenta o leitor como sujeito capaz de ler e reler uma obra inúmeras vezes, conseguindo formular perguntas e propor respostas à obra, levando em conta os contextos literários, históricos e simbólicos. Assim, o mais importante é o leitor

tornar-se crítico, debruçando-se no texto, após a leitura dando sentido aos diversos significados.

Turchi (2006) apresenta uma importante informação a cerca dos estudos de literatura e leitura no país. Ela realizou uma pesquisa ao banco de Teses e Dissertações da Capes, o qual demonstrou um número crescente de trabalhos sobre autores e obras da literatura infantil, juvenil brasileira e um número muito maior de estudos referentes à leitura, história da leitura e histórias de leitura. Entre os autores mais pesquisados estão: Lygia Bojunga Nunes, Ana Maria Machado, Marina Colasanti e o mais estudado de todos Monteiro Lobato.

Para Turchi (2006, p. 29): “no contexto atual da literatura infantil e juvenil brasileira, as escritoras como Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado, obtiveram nos estudos críticos o reconhecimento de obra literária”.

Cordeiro (2006, p. 65): afirma em relação à leitura: “remete ao texto e sua rede de significações. O texto remete à ideias, valores, crenças, ideologias, sentimentos, emoções e afetos. Um ato de vida, de relações com o mundo”. Dessa forma, como já mencionado são inúmeras as possibilidades para se trabalhar a leitura. E ao aliar a literatura levando em consideração essas potencialidades quem com toda certeza irá beneficiar-se será o leitor. Visto que poderá escolher os tipos de textos que irá ler e por meio das atividades de incentivo à leitura teremos sujeitos construtores da sua própria identidade cultural.

Dessa forma, como já mencionado são inúmeras as possibilidades para se trabalhar a leitura. E ao aliar a literatura levando em consideração essas potencialidades quem, com toda certeza, irá beneficiar-se será o leitor. Visto que poderá escolher os tipos de textos que irá ler e por meio das atividades de incentivo à leitura teremos sujeitos construtores da sua própria identidade cultural.

Para Rodrigues (2019, p. 4), na Amazônia especificamente, a literatura deve estar associada às vivências dos sujeitos que fazem parte do contexto, e assim destaca:

Os contatos linguísticos foram intensos e muitos desses resquícios estão nos dialetos, modos de vida (lutas, datas comemorativas, religiões, dança, música, lazer, alimentação, etc.) dos povos das águas e das florestas. Muitas dessas culturas são negadas no contexto escolar que elege apenas uma que rege as ações, as atividades, as avaliações, a performances, a autoria, a vida dos educandos e docentes.

3.5 Os agentes da leitura na escola

Falar dos agentes da leitura na escola é relacionar os diversos atores que compõe esse cenário: professores, estudantes, bibliotecários, familiares, todos envolvidos no desafio de promover a leitura e formar novos leitores.

Como principal agente no processo de leitura na escola tem um espaço que se torna fundamental na efetivação dos projetos de leitura, a biblioteca escolar. Na obra “Biblioteca Escolar” de Denise Fernandes Tavares, é feita a conceituação de BE seguindo definições assim demonstradas nos Quadros 1 e 2.

Quadro 2 – Conceituação de Biblioteca Escolar: definição; função e objetivos.

Definição	<ul style="list-style-type: none"> a) Como <i>Instituição de serviço</i>, pois suas funções são de apoio aos objetivos da escola; b) Como <i>Instituição educativa</i>, pois apresenta-se de forma positiva e ativa quando sugere a leitura de livros; c) Como <i>depósito de materiais de investigação</i>.
Função	<ul style="list-style-type: none"> a) formar uma coleção bem equilibrada de livros, folhetos e auxiliares audiovisuais, apropriados aos objetivos e necessidades da Escola; b) possuir apropriada obra de consulta que respondam as perguntas surgidas do trabalho da escola e do interesse dos estudantes; c) fazer com que seus materiais sejam aproveitados facilmente pelos alunos e mestres; d) conhecer os interesses das crianças e ajudá-los a ampliá-los com suas leituras; e) ajudar as crianças a ampliar seu campo de conhecimentos mediante o uso dos livros; f) ensinar e fomentar o emprego dos materiais da biblioteca; g) proporcionar ajuda para encontrar o material educativo; h) cooperar com os mestres em dirigir e estimular as crianças em suas leituras; i) relacionar a BE com a Biblioteca Pública (BP); j) animar as crianças a formarem suas próprias bibliotecas
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> a) dar ao aluno, através dos livros e outros materiais, oportunidades de um estudo amplo e completo; proporciona-lhe meios de adquirir conhecimentos e informações atualizadas, através da pesquisa e estudo comparado das diversas áreas do currículo b) dar ao professor os recursos para integrar o aluno nos processos ativos da aprendizagem, formando-lhe atitudes positivas e desenvolvendo-lhe habilidades de estudo, de pesquisa e consulta

Fonte: Adaptado de Tavares (1973).

O Quadro 2 apresenta conceituações abordadas por Denise Fernandes Tavares (1973) quanto à definição, função e objetivos da BE, as quais se destacam como o espaço físico é interessante e a seleção de materiais também.

Quadro 3 – Conceituação de Biblioteca Escolar: finalidades; características e paralelo entre BE e a biblioteca infanto-juvenil pública.

Finalidades	<ul style="list-style-type: none"> a) informar; b) completar e orientar os estudos; c) continuar a tarefa do professor; d) consolidar a aprendizagem; e) desenvolver o raciocínio dedutivo; f) dar o hábito de pesquisa; g) ampliar e sedimentar os conhecimentos; h) dar amor e valorização ao livro
Características	<ul style="list-style-type: none"> a) tem a função de servir à Escola e o objeto de servir ao aluno; b) sua seção básica é a de Referência; c) seu acervo tem preponderância de livros para pesquisa, consulta e estudo; d) informar, orientar a pesquisa e o estudo são suas finalidades específicas; e) fica localizada na Escola e destina-se aos que a integram
Paralelo entre a BE e a Biblioteca infanto-juvenil pública	<p>Um sistema de biblioteca ideal para crianças e jovens compreenderia em bibliotecas escolares, em escolas do ensino fundamental e bibliotecas públicas infanto-juvenis, ambas bem definidas em suas funções. Com acervos específicos em cada caso, para um maior rendimento da leitura e do aprendizado, em áreas específicas.</p>

Fonte: Adaptado de Tavares (1973).

O Quadro 3 demonstra umas das características fundamentais da BE – informar, orientar a pesquisa e o estudo são suas finalidades específicas – assim é interessante oferecer ao ensino o uso dos materiais, não de forma isolada, mas ligados às disciplinas do programa.

3.5.1 Os professores

Segundo Côrte e Bandeira (2011, p. 12): “o professor, por sua vez, exerce papel indispensável ao êxito da biblioteca escolar ao incentivar os alunos a buscarem na biblioteca informações que complementem as aulas”. Quando o professor assume essa postura é possível perceber a procura efetiva dos estudantes a este espaço que em sua essência tem a missão de estimular e promover a leitura.

Ainda para Côrte e Bandeira (2011, p. 12-13), nas atividades práticas a colaboração entre bibliotecário e professor proporciona:

Criação e desenvolvimento do hábito de utilizar informações tanto na escola quanto fora dela;
Criação e desenvolvimento do hábito de buscar informações para fundamentar trabalhos escolares e tomar decisões na vida adulta;
Gosto pela leitura como forma de lazer e enriquecimento cultural;
Criação do hábito de usar a biblioteca, o que o ajudará em diferentes situações de sua vida;
Desenvolvimento da consciência crítica;
Motivação para a busca permanente do aperfeiçoamento intelectual;
Alunos que conseguem localizar informações em diferentes fontes;
Alunos que conseguem compreender e usar a informação;
Alunos que sabem ler melhor;
Alunos que conseguem aprender fora da escola, no seu dia a dia;
Alunos capazes de construir novas compreensões e novos conhecimentos.

Diante das inúmeras possibilidades estabelecidas por meio da parceria entre bibliotecário e professor na vida educacional de um sujeito, não resta dúvida da importância desse trabalho, visto que em conjunto trará resultados positivos na formação do leitor.

Na visão de Côrte e Bandeira (2011, p. 13): “um dos fatores que podem dificultar o processo de integração entre a biblioteca e a prática curricular é o distanciamento do professor”. E os motivos para esse distanciamento é o fato de que o professor nem sempre conhece o espaço da biblioteca. Para que seja estabelecido esse primeiro contato, o profissional bibliotecário tem papel primordial para envolver o professor em atividades de parceria. A partir dessa postura muitos projetos poderão surgir e fazer parte do planejamento escolar.

3.5.2 A família

A família representa uma importante ferramenta para o estímulo e hábito da leitura, visto que já na fase inicial de vida a criança já consegue ser atraída ao mundo fantástico da leitura, por meio das contações de histórias infantis. Esse papel desempenhado pelos pais desde infância será um diferenciador no desenvolvimento escolar desse futuro leitor.

Estabelecer parcerias com as famílias por parte da escola é fundamental, pois ambos devem ter como base a construção de práticas de leitura que serão utilizadas na vida cotidiana dos estudantes.

Podemos afirmar que quando um sujeito nasce em uma família que possui o hábito da leitura, ele passará a vivenciar essa realidade. Ver os pais em situações diárias com os livros leva a criança a buscar praticar essa atividade. Assim, o

universo da leitura passa a ser algo natural e ao entrar em contato na escola com tal situação ficará confortável a ponto de torna-se um leitor fluente.

Como afirma Nascimento e Barbosa (2006, p. 1):

O gosto pela leitura está diretamente associado aos estímulos que são proporcionados à criança desde muito cedo. O contexto familiar é de grande importância. Quando a criança cresce no meio de livros e vê, a sua volta, adultos lendo é despertado nela o hábito de ler, considerando que a formação de um leitor não se dá através de produtos, e sim, de estímulos.

Por isso, o hábito da leitura deve ser estimulado desde muito cedo. O papel da família nesse cenário é fundamental, ela tem uma grande missão. Ações cotidianas voltadas para essa fase da criança serão de grande relevância no desenvolvimento integral do sujeito leitor.

A criança que em seu cotidiano recebe incentivos para entrar em contato com a leitura com toda certeza será motivada a buscar desde cedo leitura. Essa atividade poderá iniciar com os livros de plásticos, panos, coloridos e com imagens que chamem a atenção dos pequenos. Ao tomar banho, os pais podem estimular a leitura por meio dos livros de plásticos, os quais podem ficar sobre a água sem riscos de molhar e assim o banho torna-se ainda mais divertido. Já os livros de tecidos podem ser consumidos durante os momentos de brincadeira, dessa forma, a criança irá associar a leitura aos momentos divertidos que passaram na infância.

3.5.3 Os discentes e os bibliotecários

Os discentes devem ser apresentados às bibliotecas o mais cedo possível, e a utilização dos seus serviços devem ocorrer de forma constante, independentemente da série cursada. A biblioteca deve, de fato, ser vista como extensão da sala de aula, como um ambiente de ensino e aprendizagem, em que são utilizados vários recursos informacionais, principalmente o livro, responsável pelo contato com a leitura.

Ainda na perspectiva do leitor e sua formação, segundo Silva (2006), se constrói por meio de um processo lento, com estímulos e possibilidades de leitura. Cordeiro (2006) nos mostra uma definição da diferença entre o que ele chama de ledor e de leitor. O primeiro é apresentado como um ser passivo diante do texto, à medida que o decifra mecanicamente, não faz inferências ou acréscimo, sua leitura

é definitiva. Já o leitor é participante e criativo diante do texto, consegue ler as linhas e suas entrelinhas.

Essas reflexões nos permitem compreender que os processos de leitura ocorrem desde cedo, mas de maneira lenta e para que sejam reforçados necessitam da parceria estabelecida entre os profissionais envolvidos em sua efetivação.

A prática da leitura é uma atividade que deve ser realizada, em sala de aula e na biblioteca, utilizando-se livros didáticos e literários, revistas, jornais, entre outros, a fim de transformar em qualidade a relação textual com o mundo leitor.

O incentivo à leitura deve iniciar com o professor em sala de aula, os pais e a sociedade, pois assim os estudantes passarão a buscar leituras diversificadas e individualizadas.

Dessa forma, o texto quando lido e compreendido tem o poder de transformar o leitor passivo em um leitor crítico e agente capaz de modificar e construir novos conceitos.

No espaço da biblioteca escolar professores e bibliotecários podem estabelecer parcerias para trabalharem a promoção e o incentivo à leitura, principalmente por meio de projetos. Essas atividades podem ser pensadas e planejadas no início do ano letivo. Aqui se leva em consideração todas as atividades que serão realizadas ao ano e a leitura deve estar presente.

Como exemplos podemos citar um projeto chamado você é o autor, em que os discentes são estimulados a criarem suas próprias produções. Durante o projeto, os professores e bibliotecários expõem como sugestão alguns temas que serão utilizados nas produções. No final do projeto, as produções são apresentadas em forma de livro e realiza-se uma exposição para que os autores autografem suas obras.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais:

As transformações educacionais realmente significativas – que acontecem raramente – têm suas fontes, em primeiro lugar, na mudança das finalidades da educação, isto é, acontecem quando a escola precisa responder a novas exigências da sociedade. E, em segundo lugar, na transformação do perfil social e cultural do alunado (BRASIL, 2001, p. 22-23).

Nessa perspectiva, destaca-se que as práticas de leitura em sala de aula não podem ser pautadas em ações dissociadas das realidades dos discentes, pois a

escola precisa ser resposta concreta às novas exigências que o mundo atual pede. Tais atividades devem ter respostas de acordo com os contextos sociais e culturais de cada estudante. O perfil desse discente deve ser levado em consideração. As ações devem partir dos contextos em que está inserido.

Para Oliveira (1999, p. 15): “de modo geral, a biblioteca escolar deve preocupar-se com o desenvolvimento curricular, possibilitar a promoção da leitura, da pesquisa e o crescimento pessoal”. E nesse sentido, este espaço pode contribuir de forma positiva para que a escola consiga alcançar resultados positivos no decorrer do ano letivo.

Ainda para Oliveira (1999, p. 15): “a biblioteca está perfeitamente integrada ao processo educativo, o que pode ser verificado pela sua utilização no horário das aulas”. Assim confirma-se a importância dos trabalhos que podem ser realizados nesse espaço da escolar.

Segundo Foucault (1999), a biblioteca mudou de função ao longo do tempo, em conformidade com a vontade de verdade de cada época, mas as mudanças não ocorreram em função da formação de leitores. Nesse sentido, a principal missão sempre foi preservada, pois objetiva disseminar a informação e formar novos leitores, o que poderá ser iniciado principalmente na biblioteca escolar, a qual tem um público que inicia o processo de ensino e aprendizagem, oportunizando trabalhos relacionados ao incentivo à leitura.

4 A LEGISLAÇÃO SOBRE BIBLIOTECA E LEITURA NA ESCOLA

A leitura possibilita aos indivíduos conhecer culturas, lugares, costumes, geografias, histórias, artes, matemática, filosofias, sociologias, enfim, tudo que dialogue com a aprendizagem do ser humano. Abre um leque de oportunidades para se mergulhar em outros universos culturais, para além do seu, num processo que chega a ser de transcendência. Trata-se de uma riqueza que não pode ficar dissociado do processo de ensino-aprendizagem das escolas, principalmente nas fases iniciais de leitura. Ler é uma atividade formativa e que, portanto, deve estar incluída nos planejamentos, currículos e ações educacionais. A leitura facilita a aprendizagem e permite tornar os conteúdos mais possíveis de serem absorvidos e, assim, pode ser uma maneira de deixá-los mais atraentes.

A preocupação em formar e promover leitores está inserida nas legislações que norteiam essa temática. Entre elas podemos destacar: resolução nº 199/2018 do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) que trata sobre os parâmetros a serem adotados para estruturação e funcionamento das bibliotecas escolares; a lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, que institui a política nacional do livro e a lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país.

Na resolução nº 199/2018 é destacada a necessidade de se estabelecer um padrão na estruturação e funcionamento das bibliotecas escolares nas redes públicas e privadas da educação básica, trazendo como base o que recomenda a lei 9.394 de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Segundo a resolução as bibliotecas escolares devem possuir local adequado para alocação do acervo, ambientes específicos para realização dos serviços, os materiais devem ser atualizados e diversificados, de modo que atendam às necessidades dos usuários. Na biblioteca escolar o usuário deverá ter disponível acesso à internet. As escolas terão até 31/12/2020 para adequarem-se às recomendações da resolução.

Dentro das legislações específicas que tratam da formação do leitor e leitura, destaca-se também a lei 4.084, de 30 de junho de 1962, a qual dispõe sobre a profissão do bibliotecário, profissional capacitado para atuar nos espaços que disseminam a informação, nos quais a biblioteca escolar está contemplada. Como atribuições ao bibliotecário destacam-se: administração e direção de bibliotecas; a organização e direção dos serviços de documentação entre outros.

Segundo Lima (2016 p. 36) deve-se dar valor ao “papel do bibliotecário na gestão da BE. A execução das atividades [...] como mediador entre o acervo e comunidade escolar, exige formação, preparo e comprometimento”. Para isso, o bibliotecário deve estar em constante processo de atualização, sendo capaz de atender às necessidades informacionais de seu público-alvo. Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) afirmam que, para formar bons leitores ou para promover o gosto e o compromisso com a leitura, “a escola terá de mobilizá-los internamente, pois aprender a ler é também ler para aprender, e isso requer esforço.” (BRASIL, 1997, p. 58).

Desse modo, quanto mais a escola ler e promover a leitura, em todos os seus espaços, mais apta estará para educar seus alunos: e isso deve ocorrer não só na biblioteca ou na disciplina de língua portuguesa e redação, mas também em cada uma disciplina que fazem interface com o cálculo matemático, escrita, leitura, interpretação e compreensão, ou seja, a geografia, a história, a arte e o conjunto do currículo que, por sua vez, deve de maneira integrada comprometer-se com a promoção da leitura. O papel do bibliotecário, portanto, deve apontar para esta direção, isto é, voltar o conjunto das disciplinas para o fomento da leitura rumo à qualificação da educação no interior da escola e assim para o sucesso do aluno.

A leitura desenvolvida assim pelo conjunto da escola configura-se como um processo de mudança que iluminará a prática educativa das disciplinas, uma vez ela (a leitura) tem papel ativo, no sentido de sensibilizar, provocar e renovar as pessoas, assim como o aluno também terá um papel ativo, uma vez que o ato ler é visto de modo dinâmico e interativo.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de extrair informação da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (BRASIL, 1997, p. 53).

A promoção da leitura em ambiente escolar (e fora dele) exige profissionais sensíveis e cômicos de seus deveres, pois a prática da leitura supõe, da pessoa que exerce a função dessa temática, a habilidade de possibilitar ao leitor uma

relação bastante próxima e significativa, entre ele e o texto para assim visualizar o valor dessa prática no decorrer de sua apropriação.

Não podemos deixar de perceber que a missão de estimular o hábito da leitura no aluno é algo que vem sendo pensado por várias esferas da educação; as escolas têm diversas experiências nesse sentido, mas ainda se ressentem de algo mais intenso e talvez mais planejado. A legislação que ampara essa ação passa pelas diretrizes do ensino básico e fundamental e amplia-se para a formação integral do sujeito. As categorias envolvidas no processo, tais como: professores, coordenadores, bibliotecários e familiares são responsáveis por dar vida aos projetos que possuem como objetivo principal fomentar e formar novos leitores.

A aventura do ler para muitas pessoas ainda parece bem distante, pois de acordo com pesquisa do IBGE (2019) o índice de alfabetos em nosso país na faixa etária de 15 anos de idade para cima está em 6,8%, o que corresponde a 11,03 milhões de analfabetos. No caso da região norte, em que estamos realizando a pesquisa de campo, o índice é de 8,0%, o que é preciso ser enfrentado pelo poder público e sociedade civil, pois é bastante preocupante à medida que tem forte rebatimento no Índice de Desenvolvimento Humano da população da cidade e do campo.

Para reforçar a missão de promover e desenvolver o hábito da leitura, instituições como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com a preocupação de formar uma sociedade leitora, em 1970 propõe um esforço mundial para a alfabetização e destaca a leitura como única alternativa para chegar ao objetivo pensando nessa campanha.

No Brasil, programas de fomento à leitura como o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), ambos reforçam o manifesto da IFLA (2005, p. 1), documento aprovado pela UNESCO que afirma:

A biblioteca escolar propicia informações para atuar com sucesso na sociedade atual, baseada em informação e conhecimento. A biblioteca escolar habilita os estudantes para aprender ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis.

Podemos dimensionar assim como fundamental uma biblioteca escolar que estimule a leitura para a formação de leitores e desse modo para o desenvolvimento integral do cidadão que inicia sua vida escolar e busca garantir um futuro próspero para a sua família e a comunidade sobre a qual está inserido. Por meio do acesso à biblioteca com suas diversas possibilidades de conhecimento ele poderá ampliar suas habilidades e competências em diversas áreas, principalmente aquela que ele maior se dedicar e sonhar, seja ela qual for.

Nessa perspectiva, as bibliotecas escolares podem promover e estimular inúmeras ações em seus espaços educativos, tornando-se importante ferramenta na escola, sendo catalisador significativo para o processo de ensino-aprendizagem. Nesse sentido, pode realizar orientações no momento das pesquisas, apontando leituras e informações, incentivando o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo, e em todo seu processo despertarem o gosto pela leitura nos agentes que fazem parte da comunidade escolar.

Apesar das inúmeras possibilidades de se realizar um trabalho diferenciado nas bibliotecas escolares, existe muito ainda por se fazer, pois nos dias atuais, inúmeras escolas não possuem nem uma sala de leitura. Nessa situação entra a legislação para ser mencionada e a cobrança aos responsáveis deve ser realizada. Como já dito, a lei 12.244/2010 afirma que até 2020, todas as instituições de ensino devem possuir uma biblioteca, com acervo e quantidade destinado ao seu público-alvo e com a efetiva contratação de um profissional bibliotecário para atuar nesse espaço. Trata-se, portanto, de uma chamada que não poderá deixar de ser cumprida.

Para os fins desta Lei [...] considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura. Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares (BRASIL, 2010).

Garantir a efetividade desta lei, de modo a permitir a universalização das bibliotecas no país, até maio de 2020 – a partir de uma configuração que envolve coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinado a consulta, pesquisa, estudo ou leitura – é um desafio para as

instituições e um alento para os alunos à medida que os insere cada vez mais no universo da leitura sobre a qual tanta transformação causa na vida das pessoas, a propiciar vôos, passos e descobertas singulares para cada leitor!

Historicamente foi somente na década de 1930, que se iniciou a formulação das políticas públicas efetivas de incentivo à leitura. Destacam-se como marcos históricos importantes: a criação do Ministério da Educação e da Saúde Pública (MESP), por Getulio Vargas em 1930; o Plano Nacional da Educação (PNE), de 1937 e o Instituto Nacional do Livro (INL), em dezembro de 1937, substituindo o recém-criado Instituto Cayru. Dessa forma, o período de 1930 a 1945 foi bem significativo na história das políticas públicas culturais no Brasil. Por meio do Decreto-lei no. 93, de 21/12/1937 (um mês após o golpe do Estado Novo), o então Presidente da República Getúlio Vargas transforma o recém-criado Instituto Cayru em Instituto Nacional do Livro; que nasce com as seguintes competências:

- a) organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, revendo-lhes as sucessivas edições;
- b) editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional;
- c) promover as medidas necessárias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros;
- d) incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional (CALABRE, 2005, p. 35).

Essas tarefas, embora parcialmente cumpridas, contribuíram decisivamente para a expansão das bibliotecas, enquanto centros culturais genuinamente brasileiros, além de afirmar a necessidade de incentivar e propagar a literatura, as obras e, assim, a leitura nas diversas regiões do país. O que até hoje mantém essas tarefas em aberto, pois, cada vez mais se faz necessário expandir as bibliotecas. Nesse sentido, vale ressaltar que, entre as contribuições de personalidades nacionais da literatura, ganham destaque ao longo da história do Instituto Nacional do livro nomes importantes, os quais passaram por lá, como Augusto Meyer que era poeta e escritor, assim como o historiador, Sergio Buarque de Holanda, autor das “raízes do Brasil” e Mario de Andrade escritor de “Macunaíma”.

Partindo da reflexão que nos mostra as competências do Instituto Nacional do Livro desde sua origem, é importante destacar que as políticas do livro e da leitura em nosso país ainda precisam ser ampliadas nas diversas localidades, e aqui

no caso específico da cidade de Alenquer, essa percepção foi muito clara. Infelizmente, a cidade não possui biblioteca pública e as escolas trabalham a leitura esporadicamente durante as aulas em sala. Mesmo com a lei 12.244, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas em todos os locais de ensino, não está sendo cumprida. Este cenário impossibilita a formação de leitores e o gosto pela leitura.

No contexto atual, a lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018, que institui política nacional da leitura e escrita no país. Por meio desta lei, as instituições públicas devem assumir a responsabilidade de criarem estratégias “permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil”. Isso irá embasar todos os projetos pensados para a promoção e incentivo à leitura, visto que, estarão realizando o recomendado na lei. As instituições de ensino tem um papel fundamental na disseminação destas ações, pois estão em permanente contato com estudantes, professores, coordenadores e diretores, agentes importantes para a promoção da leitura, do livro e da escrita.

A lei também destaca diretrizes importantes a serem seguidas e colocadas em prática:

- I - a universalização do direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas;
- II - o reconhecimento da leitura e da escrita como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania, para viver uma vida digna e para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa;
- III - o fortalecimento do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), no âmbito do Sistema Nacional de Cultura (SNC);
- IV - a articulação com as demais políticas de estímulo à leitura, ao conhecimento, às tecnologias e ao desenvolvimento educacional, cultural e social do País, especialmente com a Política Nacional do Livro, instituída pela Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003;
- V - o reconhecimento das cadeias criativa, produtiva, distributiva e mediadora do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas como integrantes fundamentais e dinamizadoras da economia criativa (BRASIL, 2018).

Trata-se, portanto, de uma importante ferramenta para as ações implementadas nas instituições de ensino que objetivem a promoção da leitura, como forma de assegurar o pleno desenvolvimento da cidadania. Assim como, possibilitar ações permanentes que valorizem o livro, a leitura e a escrita.

É importante destacar que nesta lei em seu artigo 5º, destinado ao Prêmio Viva Leitura, “será concedido no âmbito da Política Nacional de Leitura e Escrita

com o objetivo de estimular, fomentar e reconhecer as melhores experiências que promovam o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas” (BRASIL, 2018), o que será de grande importância para a divulgação das experiências encontradas nesse país a fora.

A realidade da educação na cidade de Alenquer observada durante a pesquisa é que os professores em sua maioria precisam trabalhar em outras atividades para complementarem a renda, pois com seus baixos salários, não conseguem sobreviver e necessita de complementar a renda para dar conta de todas as suas despesas. Outro ponto forte na educação é o fato de que existem muitos professores contratados e estes por medo de serem demitidos, não reivindicam seus direitos e acabam acomodando-se com a realidade local.

A formação desses professores ocorre principalmente pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), está presente no município, por meio da Universidade Federal do Pará e Universidade Federal do Oeste do Pará. Nesse programa os professores que estão em sala de aula nas escolas municipais e estaduais no ensino fundamental podem cursar uma licenciatura e receber o diploma do ensino superior.

De acordo com relatos dos professores apesar dessa formação, ainda necessitam de maiores investimentos do poder público municipal, pois a capacitação atualizada depende de investimento em cursos, oficinas, encontros, o que pouco acontece. Na pesquisa do IDEB de 2017, no ensino fundamental das escolas municipais, Alenquer ocupa a posição de 4,2, o que demonstra uma baixa no avanço educacional.

Nesse contexto, trata-se, portanto, de uma realidade que ainda precisa de muito investimento na educação, principalmente na formação dos professores, piso salarial e na construção de bibliotecas escolares, pois mesmo com muita boa vontade, os professores precisam de subsídios para realizarem um trabalho de transformação social por meio da educação.

Percebe-se também, que o desempenho escolar tem relação direta com todos os contextos que cercam a educação. Especificamente no município de Alenquer, as dificuldades enfrentadas por professores, coordenadores e gestores implicam nas condições direta do ensino. São escolas que não recebem o devido apoio na infraestrutura, nos recursos didáticos e principalmente na formação

continuada dos professores. Os estudantes, sem condições mínimas para aprender distanciam-se cada vez mais do sucesso escolar.

Na realidade das escolas a educação deve sempre possibilitar o aprendizado do seu público-alvo. Assim, espera-se que o estudante se torne protagonista de sua história, que consiga ser um sujeito ativo capaz de transformar o mundo em que está inserido, pois é por meio da leitura que o indivíduo vai se apropriando do conhecimento, tornando-se um cidadão crítico e reflexivo.

Diante dessas reflexões, pretende-se convidar a comunidade escolar a refletir sobre as possibilidades de leitura, levando em consideração que esta pesquisa é apenas uma pequena demonstração de uma realidade vivenciada no município de Alenquer. Desse modo, acredita-se que essa discussão não se encerra nessas páginas, mas que se apresenta como indagações para que outros professores sejam motivados a buscarem novos conhecimentos e dinâmicas de como atuarem nos espaços escolares focalizando esta temática.

5 METODOLOGIA

Nesta parte do trabalho, apresentamos o campo de estudo escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa, assim como as razões que levaram a sua escolha. Também relatamos os métodos adotados durante a coleta de dados.

A pesquisa foi realizada a partir do levantamento de informações em duas escolas de ensino fundamental, públicas, do município de Alenquer, estado do Pará. A primeira Escola Estadual de ensino fundamental Monteiro Lobato e a segunda Escola Municipal de Ensino Fundamental Jorge Sadala. Ambas ficam localizadas na zona urbana do município de Alenquer.

Como método de pesquisa utilizou-se a pesquisa exploratória, de campo, com estudo de caso a partir da aplicação de questionários. Para isso, inicialmente, os passos dados durante a pesquisa foram o levantamento de informações, a fim de definir os bairros e escolas onde seriam aplicados os instrumentos de pesquisa para obtermos as concepções sobre leitura por parte dos sujeitos envolvidos neste estudo. Para essa etapa contamos com a colaboração de alguns professores, residentes na cidade e que conhecem a realidade das escolas públicas. Optamos por atuar em duas escolas públicas, ensino fundamental, sendo que uma do sistema municipal e outra do sistema estadual, nas turmas de 5º ano.

5.1 Universo da pesquisa

Os ambientes da pesquisa foram 02 escolas da rede pública de ensino na cidade de Alenquer, localizada na região do Baixo Amazonas, estado do Pará. A cidade de Alenquer está situada às margens do rio Surubiú, possui 56.480 habitantes (IBGE, 2018). Esta cidade é sede do município do mesmo nome que integra a mesorregião do Baixo Amazonas e a microrregião de Santarém (IBGE, 2018).

De acordo com dados históricos apresentados por Cardoso (2017), o município de Alenquer originou-se a partir dos índios Barés, nos primitivos tempos da colonização amazônica, início do século XVIII, com a transparência da missão de “Santo Antônio” da aldeia dos Barés, fundada pelos Capuchos de Piedade, Frei Francisco Villar e o frade Antônio de Faro, à margem direita do Rio Curuá, nos fins

do século XVII (1697). Auxiliados pelos índios de trombetas, fundaram a aldeia de Surubiú, hoje cidade de Alenquer.

Segundo Cardodo (2017) com a chegada do governador da Província do grão Pará e Maranhão, capitão general, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, ao porto em 20 de março de 1758, de passagem em direção ao Rio Negro, objetivando verificar a demarcação de limites das terras das Coroas de Portugal e Espanha, elevou aldeia de Surubiú a categoria de Vila, transformando seu território em município, mudando seu nativo nome para Alenquer, indicando nova era de desenvolvimento econômico e social na região do baixo amazonas.

A partir da primeira metade do século XX, houve um crescimento demográfico significativo, tanto rural quanto urbano, com a chegada de imigrantes nordestinos e estrangeiros, que fundaram casas comerciais na cidade e aumentaram, assim, a exportação de grãos e outros produtos, transformando Alenquer em um porto escoadouro dos produtos da colônia.

Seu turismo, embora ainda pouco desenvolvido, apresenta uma diversidade de paisagens e formações geológicas impressionantes como: cavernas, cachoeiras, campos, colinas, pinturas rupestres e a cidade dos Deuses, podendo retomar a riqueza e o desenvolvimento social que o município precisa.

5.2 Instrumentos e procedimentos da pesquisa

Como instrumento para coleta de dados utilizamos o questionário que Marconi e Lakatos (1999, p. 100) afirmam ser “constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito”. Com este instrumento buscamos identificar os sentidos construídos sobre leitura por parte da comunidade escolar, envolvendo três públicos-alvo, os docentes, os discentes, pais ou responsáveis. As questões foram em sua maioria fechadas e objetivas, o que facilitou a tabulação dos dados coletados. Foram entregues 49 questionários aos estudantes e seus responsáveis e 06 aos professores. Foram devolvidos 33 com as questões respondidas.

O estudo envolveu em etapa inicial uma revisão de literatura voltada à busca de conceitos que fazem parte da base da pesquisa. O corpo referencial iniciou-se a partir de consultas às bases de dados disponibilizadas pelo portal de periódicos da

Capes Universidade Federal do Pará e em repositórios de anais de eventos científicos da área.

A literatura selecionada para esta pesquisa incluiu algumas abordagens clássicas sobre o tema da Leitura. Buscou-se dar ênfase em estudos brasileiros, visto que procuramos demonstrar nossas realidades locais, sociais e econômicas para o fechamento do nosso quadro conceitual. Nesse sentido, tal estudo tem como aporte teórico central as teses de Paulo Freire (1989) e Vygotsky (1995) que subsidiam uma leitura crítica sobre o mundo e o ato de ler.

Conforme já descrito, o instrumento para coleta de dados usados nesta pesquisa foi a utilização de questionário. As observações realizadas ao longo da exploração do lócus de pesquisa e também a familiaridade com os atores sociais da escola possibilitou um olhar mais minucioso sobre a interferência do ambiente nas ações dos profissionais, o que levou ao indicativo de que esses espaços escolares e sociais, muitas vezes, afetam diretamente o saber fazer dos profissionais que ali atuam no exercício do magistério e, em se tratando de práticas de leitura, estes espaços podem revelar inclusive o surgimento de práticas atrativas e estimulantes para o acolhimento de seus leitores, sejam em salas de leitura, bibliotecas ou salas de aula ou, em outros casos, a ocorrência de práticas desastrosas que afastam os alunos do verdadeiro sentido que a prática da leitura deve ter no espaço escolar.

As perguntas do questionário possibilitaram a coleta de dados junto aos estudantes, professores, pais ou responsáveis das escolas envolvidas na pesquisa. A coleta de dados com os sujeitos alvo da pesquisa foi realizada nas próprias escolas, individualmente, no horário de aula, em salas concedidas pelas diretoras das escolas. Neste espaço, antes do início do procedimento de preenchimento do questionário, a pesquisadora explicou como seria realizada a atividade. Assim, o estudante, professor ou familiar era instruído para responder as questões que estavam no questionário.

As questões que nortearam as entrevistas (ver Apêndice A) foram divididas em três blocos. Foram elaboradas na intenção de investigar os sentidos construídos sobre leitura para os discentes, docentes e pais ou responsáveis das escolas estudadas.

O primeiro bloco de perguntas destinou-se a compreensão da visão de leitura dos docentes que atuam nas escolas pesquisadas. Para isso, aos docentes foram feitas perguntas do tipo: qual a avaliação que fazem sobre a leitura no

ambiente escolar? Quais suas preferências literárias e se utilizam a leitura em suas metodologias diárias.

O segundo bloco investigou os estudantes para identificar: o que estes pensam sobre leitura? Quais as atividades mais atrativas? Sua escola tem biblioteca ou sala de leitura? Realizam empréstimos de livros? (se sim, com que frequência?) Quais as preferências literárias?

No terceiro bloco, com questões destinadas aos pais ou responsáveis dos discentes, procuramos saber: quais as suas concepções sobre leitura? Como avaliam as atividades de leitura desenvolvidas em sala de aula? Seus filhos/filhas demonstram evolução na escola com essas atividades? Em suas residências procuram saber quais leituras seus filhos/filhas estão realizando?

De modo geral, as questões elaboradas nos blocos de perguntas destinadas aos docentes, aos discentes e aos pais ou responsáveis foram pensadas para identificar evidências referentes às atividades que caracterizem as práticas de leitura que ocorrem no ambiente escolar investigado para que essas práticas, quem sabe, se olhadas mais amiúde da investigação possam se converter em bons exemplos de uso de leitura em ambiente escolar e serem ainda redescobertas sobre o viés de fundamentos teóricos que as tornem mais eficientes do ponto de vista metodológico. Os resultados foram organizados de acordo com os blocos de questionamento.

6 ANÁLISES DOS DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA

As aplicações dos questionários da pesquisa ocorreram no segundo semestre de 2019 com finalização em janeiro de 2020. As escolas foram bastante acolhedoras com a temática e mostraram interesse em contribuir com a pesquisa. Nos itens seguintes apresentaremos as informações coletadas com suas devidas análises.

6.1 Sentido da leitura para professores

O contexto que ampara a pesquisa é o de duas unidades escolares: uma escola municipal e outra estadual na cidade de Alenquer/PA, ambas funcionam com a educação das crianças matriculadas no 5º ano do ensino fundamental. A pesquisa de campo se iniciou com as visitas nas escolas, seguida da contação de histórias (estratégia usada pela pesquisadora para estabelecer a relação de confiança entre direção, professores e turmas).

Depois desse primeiro contato, foram entregues 49 questionários aos investigados, o que resultou em uma amostra significativa de 33 questionários devolvidos, ou seja, 67,35% dos formulários entregues às escolas, o que mostrou interesse no tema abordado por parte dos professores, estudantes e pais que participaram da pesquisa.

Na Escola Estadual de Ensino Fundamental Monteiro Lobato os formulários foram entregues à professora da turma do 5º ano, turno da manhã no dia 19 de dezembro de 2019. Essa turma é formada por 22 alunos que receberam respectivamente um formulário, dos quais foram devolvidos 14, devidamente preenchidos (63% do total), no dia 05 de janeiro de 2020. Na Escola Municipal Jorge Sadala, a turma do 5º ano é formada por 23 alunos. No dia 18 de dezembro de 2019 foram entregues 25 formulários para serem respondidos e no dia 14 de janeiro de 2020 foram devolvidos 19, o que representa 76% dos formulários entregues. As questões respondidas demonstraram os resultados, apresentados a seguir.

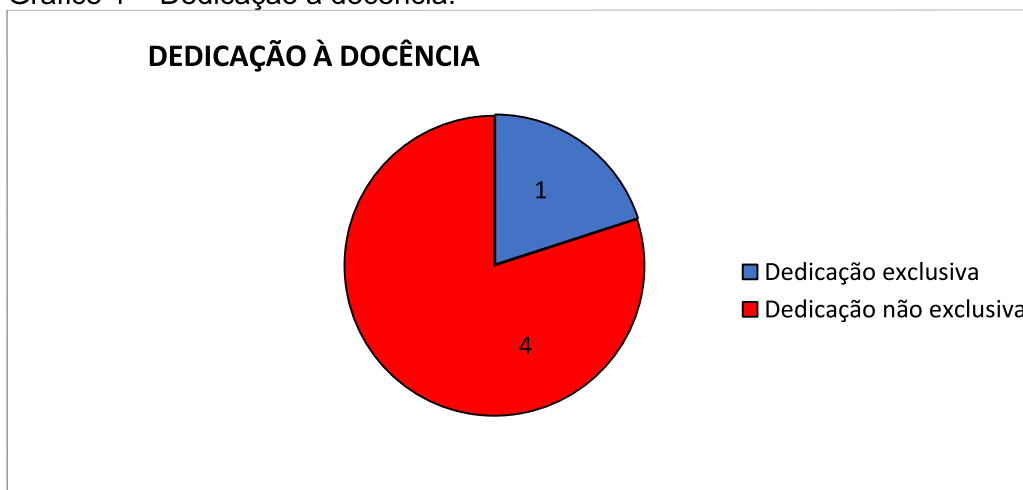
No universo dos professores da Escola Monteiro Lobato, os questionários mostraram que os 3 professores pertencentes ao quadro docente responderam as questões. Resultado diferente do da Escola Jorge Sadala, que também possui um

quadro de 3 professores atuantes, mas somente 2 responderam as questões e, portanto, trouxeram os seguintes resultados:

Na primeira pergunta que questionava o tempo de serviço na educação do ensino fundamental, 02 professores deixaram em branco e os 03 restantes responderam que atuam há 03 anos, 18 anos e 35 anos. Esse dado nos indica que a maioria já tem uma vasta experiência como professor das séries iniciais.

Na segunda questão que perguntava sobre a dedicação profissional exclusiva à docência, somente 1 professor respondeu ter como único trabalho o magistério naquela escola, já os demais professores responderam ter outros vínculos profissionais. Para a terceira pergunta que tem relação com a segunda, não houve resposta. A partir desses dados podemos perceber que a maioria dos professores necessitam desenvolver outras atividades para complementarem suas rendas, visto que o salário de professor não é suficiente para possibilitar maior autonomia econômica; isso pode ser um indicador que compromete o desempenho profissional das ações dos professores.

Gráfico 1 – Dedicção à docência.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Na quarta questão que perguntava sobre o hábito de leitura os 05 professores responderam sim e demonstraram seu gênero literário, 01 professor marcou romance e 04 marcaram contos, poemas e fábulas.

Nesse seguimento, podemos trazer como aporte teórico Nascimento e Barbosa (2006, p.1) que afirmam “O gosto pela leitura está diretamente associado aos estímulos que são proporcionados à criança desde muito cedo”; se as crianças

visualizam o professor realizando o ato de ler, terão um exemplo a seguir e irão praticar a leitura.

E ainda que na visão dos estudiosos da área a escola deve compreender que “em cada ano escolar, o aluno precisa desenvolver capacidades, habilidades e estratégias de ler e de escrever, para atender às demandas curriculares” (MENEGASSI; FUZA, 2010, p. 316).

Na sexta questão referente a utilização de obras literárias na prática docente, os 05 professores responderam que utilizam. Assim, confirmam o que os estudiosos apontam para uma excelente atuação em sala de aula. Professores que buscam no dia-a-dia incorporar práticas literárias em suas ações poderão colher resultados positivos na formação do leitor. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais: “As transformações educacionais [...] têm suas fontes, em primeiro lugar, na mudança das finalidades da educação, isto é, acontecem quando a escola precisa responder a novas exigências da sociedade”. (BRASIL, 2001, p. 22-23).

Na sétima questão que perguntava sobre a existência de um projeto de leitura na escola, 04 professores responderam que sabiam e 01 respondeu não ter conhecimento. Esse dado nos mostrou que as ações ocorrem de forma isolada e individual. As escolas ainda não conseguiram realizar um projeto em conjunto para evidenciar todas as ações desenvolvidas em torno da temática. E segundo Côrte e Bandeira (2011, p. 12-13), nas atividades práticas de leitura a colaboração entre bibliotecário e professor proporciona:

Criação e desenvolvimento do hábito de utilizar informações tanto na escola quanto fora dela;
Criação e desenvolvimento do hábito de buscar informações para fundamentar trabalhos escolares e tomar decisões na vida adulta;
Gosto pela leitura como forma de lazer e enriquecimento cultural.

Na oitava questão, perguntou-se sobre a participação no projeto de leitura (Gráfico 2). Dos professores questionados, 04 responderam sim e 01 não. Esses dados reforçam o que já mencionamos antes sobre ações isoladas de leitura sem articulação com toda escola. E Segundo Côrte e Bandeira (2011, p. 12): “o professor, por sua vez, exerce papel indispensável ao êxito da biblioteca escolar ao incentivar os alunos a buscarem na biblioteca informações que complementem as aulas”. No caso específico das escolas em estudo, por não possuírem bibliotecas, as

atividades que acontecem em sala de aula necessitam desse comprometimento dos professores.

Gráfico 2 – Participação dos professores em projetos de leitura.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Na nona questão foi perguntado de que forma os professores participavam do projeto de leitura na escola e 02 informaram que a participação ocorre em sala no cantinho da leitura, 01 respondeu que por meio do incentivo à leitura, 02 não responderam essa questão. Nessa questão foi possível perceber que a maioria dos professores realiza estratégias de leitura e estão preocupados em formar e dinamizar o hábito de ler. Aqui nos reportamos aos estudiosos da área como Cantalice (2004, p. 105) que as define “procedimentos ou atividades escolhidas para facilitar o processo de compreensão em leitura”. Tais atividades são utilizadas pela maioria dos professores que responderam a pesquisa.

Nessa perspectiva, a utilização das estratégias de leitura em sala de aula possibilita a prática cotidiana da leitura, permitindo que os discentes ultrapassem as dificuldades encontradas no percurso do seu aprendizado. O professor, nesse quesito, desempenha um papel de grande importância ao dar condições para que as ações aconteçam por meio de técnicas e procedimentos para facilitação no processo de compreensão das diversas leituras.

Na décima questão foi perguntado qual o sentido da leitura no contexto educacional (Gráfico 3), 01 professor informou que os alunos que tem o hábito de ler

são mais instruídos e informados em relação a diversos temas; 01 professor respondeu que possibilita maior conhecimento; 01 professor escreveu que é uma forma de interpretação e compreensão de mundo; 01 declarou ser importantíssimo e 01 não respondeu.

Seguindo esta linha de pensamento, Menegassi e Fuza (2010, p. 316) afirmam que “o ensino da leitura e da escrita é umas das principais tarefas da escola, já que se configurou como importante instrumento para que as pessoas exerçam seus direitos, possam trabalhar e participar da sociedade”.

Gráfico 3 – Sentido da leitura para os professores.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Na décima primeira questão pediu-se que os professores avaliassem a possibilidade de existência de uma biblioteca na escola e os 05 professores informaram que seria positivo. Essa informação nos mostrou que a maioria dos docentes reconhece a importância do espaço da biblioteca escolar na escola, assim reforçam o que os documentos oficiais apontam em relação a este espaço. E segundo a lei 12.244/2010- lei de Universalização das Bibliotecas que diz:

Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares (BRASIL, 2010).

- a) **Professor 01-** “Leituras diárias diversificadas, ações ou projetos envolvendo a leitura é indispensável no contexto escolar, pois é através da leitura que o aluno terá amplitude no seu conhecimento em todas as dimensões”.
- b) **Professor 02-** “A leitura é um ato importantíssimo para a aprendizagem do ser humano. A leitura além de favorecer o aprendizado dos conteúdos, aprimora a escrita também. Pessoas que tem o hábito da leitura tem grande facilidade de interpretação”.
- c) **Professor 03-** “A leitura é algo importantíssimo ao ser humano, leva o leitor a lugar imaginário”
- d) **Professor 04-** “A leitura é o alicerce do contexto escolar, estimula o aluno, abre caminhos, conscientiza e expandi conhecimentos”.
- e) **Professor 05-** “A leitura juntamente com os projetos voltados à leitura é fundamental no ambiente escolar, pois possibilita o aluno ter amplitude quanto ao conhecimento e uma aprendizagem significativa.

As respostas das questões elaboradas para os professores mostraram que, eles estão cientes da importância de se trabalhar a leitura em sala de aula, principalmente na fase inicial de estudo das crianças. A pesquisa mostrou que em relação ao tempo de atuação na docência a variação vai de 03 a 35 anos. Desse quadro de professores apenas 01 tem dedicação exclusiva ao trabalho em sala de aula, o restante precisa realizar outras atividades para complementar a renda recebida na educação.

Em relação ao hábito de leitura desses professores, a pesquisa apontou que todos possuem e que os gêneros literários mais utilizados são contos, poemas e fábulas. Na prática docente todos os professores afirmaram utilizar obras literárias em algum momento de suas aulas.

Na questão relacionada aos projetos de leitura na escola em que esses professores atuam, do universo total de 5 professores, 4 informaram ter conhecimento de projetos de leitura e apenas 1 não soube informar. Nessa questão percebe-se que a escola ainda precisa trabalhar com cuidado essas ações para que todos do quadro funcional possam estar interligados, apoiando os trabalhos existentes na escola, para que o resultado traga benefícios a comunidade escolar.

Ainda falando dos projetos de leitura, a pesquisa apontou na nona questão que a maioria dos professores atua em projetos de leitura na própria sala de aula com suas respectivas turmas, esse ponto mostra que como já dito antes, é preciso realizar um planejamento conjunto entre os professores para que ocorram atividades voltadas de incentivo à leitura que consiga abarcar todas as turmas da escola. Os trabalhos em conjunto darão maior visibilidade às da escola e irão contribuir significativamente no processo de ensino e aprendizagem dos discentes.

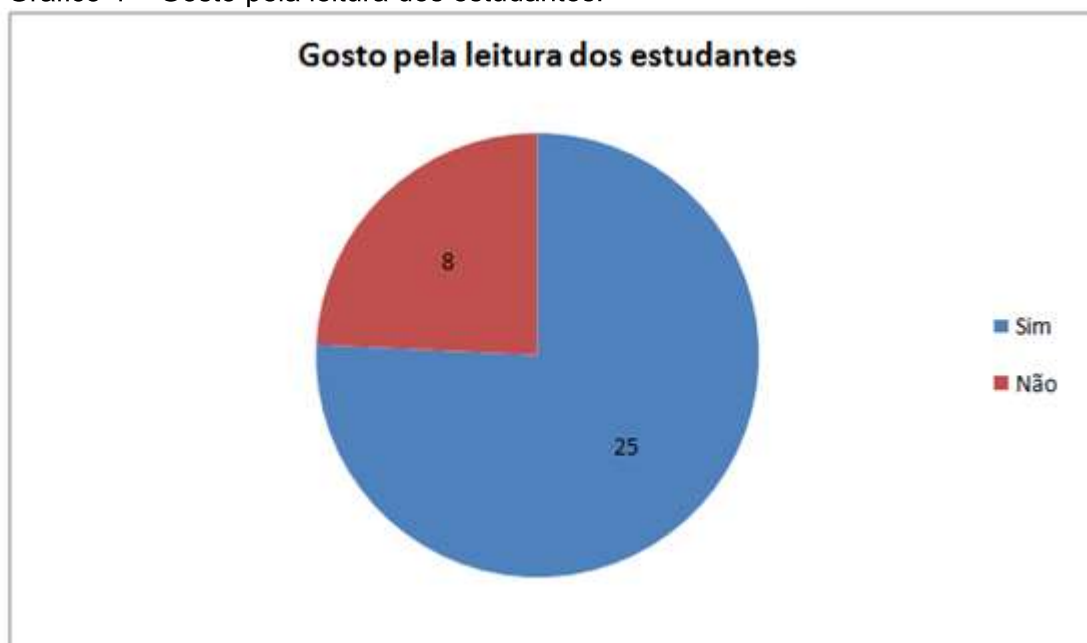
Reforçando, Neves (2007) destaca que o papel representado pela ação do professor é estratégica à medida em que ele é o facilitador/estimulador do processo de promoção da leitura, o que deve se dar de forma positiva, comprometida e significativa para o estudante e o próprio professor, resultando assim em relevante processo de formação dos estudantes. Atividades bem planejadas de forma a incentivar a leitura farão toda diferença na vida de cada sujeito que passa por esse processo de ensino/aprendizagem.

Na décima questão em que a pesquisa procurou identificar o sentido da leitura para os professores no contexto educacional, constatamos que todos os pesquisados demonstram saber das inúmeras contribuições as quais a leitura desempenha. Entre elas a relacionada ao processo efetivo de aprendizagem na vida os estudantes, pois como relatado por um professor, “os alunos que tem o hábito de lê, são mais instruídos e informados em relação a diversos temas”. E para que os trabalhos de incentivo à leitura aconteçam, todos os professores foram unânimes em destacar a importância de uma biblioteca na escola.

6.2 Sentido da leitura para os estudantes

Como já mencionado turma do 5º ano da escola Monteiro Lobato é formada por 22 estudantes e destes 14 devolveram os formulários, a turma do 5º ano da escola Jorge Sadala é formada por 23 estudantes e destes 19 devolveram os formulários respondidos, os quais demonstraram as seguintes conclusões: Na segunda questão foi perguntado se os estudantes gostavam de ler (Gráfico 4). Na Escola Monteiro Lobato, 11 responderam sim e 03 não. Na Escola Jorge Sadala 14 responderam sim e 05 não. Esse dado nos mostra que a maioria gosta de leitura, o que possibilita ao professor realizar atividades com esta temática, tornando suas aulas mais dinâmicas e atrativas para a formação de novos leitores.

Gráfico 4 – Gosto pela leitura dos estudantes.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

O gráfico é representativo da opinião dos estudantes acerca do gosto pela leitura. Por isso, foi perguntado se os estudantes gostavam de ler. Na Escola Monteiro Lobato, 11 responderam sim, ou seja, 78,5% dos alunos gostam sim de ler e 03, representando 21,42%, não. Ao passo que na Escola Jorge Sadala 14 alunos, representando um universo de 73,68%, responderam sim e 05, representando 26,32%, não. Esses dados nos indicam que a maioria dos estudantes gosta de leitura, o que possibilita ainda mais ao professor realizar atividades com esta temática, tornando as aulas mais dinâmicas e atrativas para a formação de novos leitores.

Assim, a leitura na escola deve apontar para a formação de leitores, além de dialogar ou fazer interface com as competências e habilidades discutidas para cada disciplina (como a geografia, história, matemática, língua portuguesa, arte e língua estrangeira) para afirmar a interdisciplinaridade à luz da Base Comum Curricular da educação básica – BNCC (2019) cujo caráter normativo aposta na integração como elemento norteador das políticas públicas curriculares e assim dos projetos políticos pedagógicos das escolas brasileiras, tanto públicas quanto particulares.

Na terceira questão foi interrogado sobre o gênero literário de sua preferência (Gráfico 5). Na escola Monteiro Lobato, 04 responderam ser histórias em quadrinhos, 02 novelas, 03 aventuras, 03 fábulas e poemas, 01 contos e 01 não respondeu. Na escola Jorge Sadala 07 responderam ser histórias em quadrinhos, 02

novelas, 03 aventuras, 01 fábulas, 01 poema. Um dado interessante é que a maioria dos estudantes optou por histórias em quadrinhos, aqui os professores poderão aproveitar essa preferência para realizarem atividades que contemplem essa temática. E muitas são as possibilidades para se trabalhar com as histórias em quadrinho.

Gráfico 5 – Gênero literário dos estudantes.



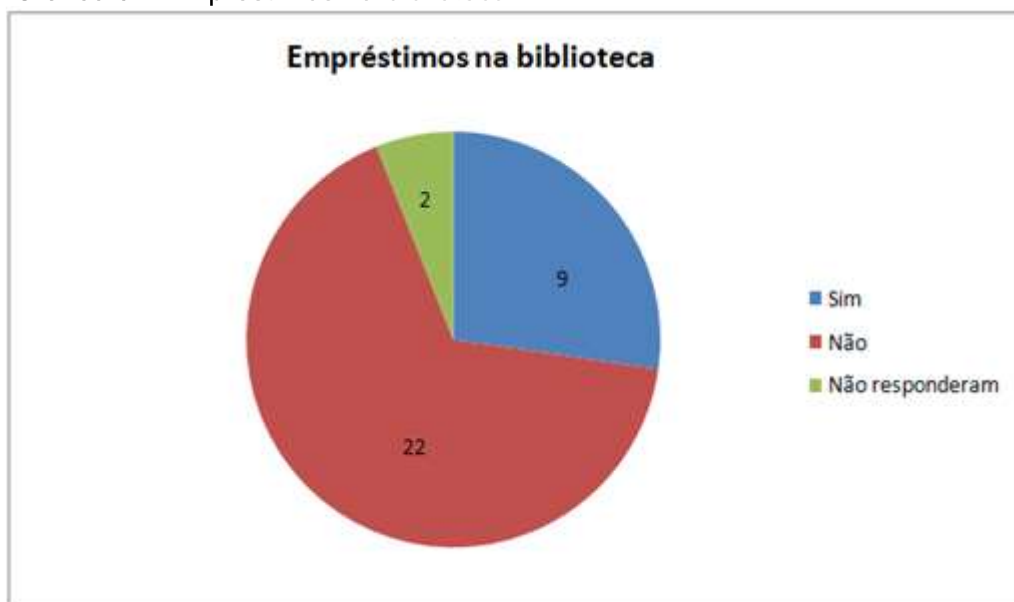
Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Na quarta questão se perguntou sobre a existência de biblioteca ou sala de leitura na escola. Na escola Monteiro Lobato, 08 responderam “sim” e 06 “não”. Na escola Jorge Sadala 13 responderam “sim” 06 “não”. Esses dados mostram que a maioria dos estudantes já ouviu falar sobre a existência de uma biblioteca ou sala de leitura na escola, porém foi possível perceber durante a pesquisa que esses espaços estavam desativados, contudo a proposta das escolas para o ano letivo de 2020 é fazer com que funcionem efetivamente.

Nesse sentido, “a concretização desse projeto depende de alguns fatores: de um lado, de uma política educacional; de outro, de uma política cultural”. (ZELBERMAN, 2010, p. 79). Isso sugere formação continuada dos professores, mas também a realização de um trabalho integrada à luz da realidade da escola, o que, por sua vez, demanda comprometido com a efetivação da leitura para que a escola atinja seu objetivo: a formação integral do aluno, do leitor, cuja política de leitura tem papel central.

Na quinta questão foi perguntado se a escola possui biblioteca ou sala de leitura, e se o discente empresta livros. Na escola Monteiro Lobato 02 responderam “sim”, 01 não respondeu e 11 responderam “não”. Na escola Jorge Sadala 07 responderam “sim”, 01 não respondeu e 11 responderam “não”. Esses dados demonstram o que já mencionamos anteriormente, as escolas ainda não realizam atividades de empréstimo, pois não possuem espaço de sala de leitura ou biblioteca. Por esse motivo, a maioria dos estudantes não realiza empréstimo de livros. Mesmo com a lei 12.244, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas em todos os locais de ensino, não está sendo cumprida. Este cenário impossibilita a formação de leitores e o gosto pela leitura.

Gráfico 6 – Empréstimos na biblioteca.



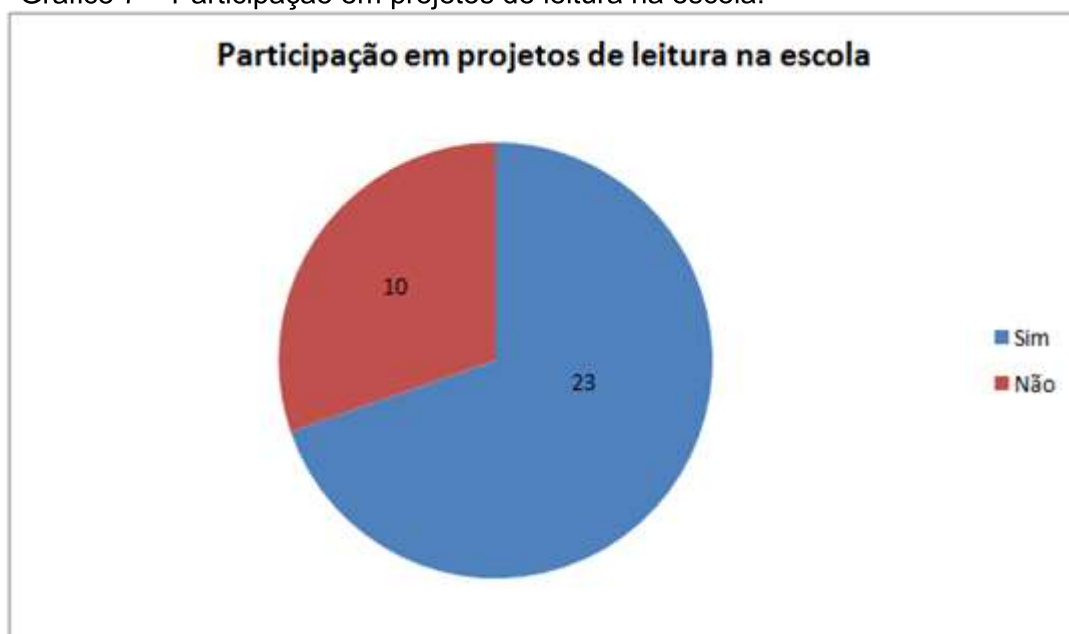
Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Na sexta questão perguntou-se a quantidade de livros emprestados durante o ano (Gráfico 6). Na escola Monteiro Lobato, 14 estudantes informaram que não podem levar livros para casa. Na escola Jorge Sadala 06 não responderam, 01 respondeu “vários”, 05 responderam “nenhum livro”, 01 respondeu “06 livros”, 01- “04 livros”, 01- “02 livros”, 02- “3 livros”, 01- “5 livros”, 01- “1 livro”. Vale reforçar que esses livros são emprestados da própria sala de aula, pois a escola não tem um espaço específico para esse fim (sala de leitura ou biblioteca). Tais informações demonstraram que nesta escola os professores procuram sanar em parte a dificuldade de acesso ao livro e por meio de projeto, como a mala viajante, os

estudantes podem levar um livro pra casa e após a leitura trocarem com seus colegas.

Na sétima questão foi perguntado se o estudante participa de alguma atividade de leitura na escola (Gráfico 7). Na escola Monteiro Lobato, 09 responderam “sim” e 05 “não”. Na escola Jorge Sadala 14 responderam “sim” e 05 “não”.

Gráfico 7 – Participação em projetos de leitura na escola.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Para Kleiman (2004, p. 10), “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Dessa forma, a leitura deve ser compreendida como resultado de relações estabelecidas com determinada finalidade. Ler não é simplesmente traduzir, decodificar, repetir dados. Trata-se da construção das diversas possibilidades de interação e compreensão dada ao sujeito leitor.

Na oitava questão foi perguntado que se em caso da resposta anterior fosse afirmativa, qual a atividade. Na escola Monteiro Lobato 06 estudantes realizaram leitura em sala de aula, 01 leitura de poesia, 02 não responderam. Na escola Jorge Sadala 06 estudantes não responderam, 01- em matemática, 01-pasta literária, 01-ficha de leitura, 01-círculo do livro, 01-o leão e o ratinho, 01-semana da leitura, 01-apresentação da escola na igreja, 01- a maleta de leitura.

Para Oliveira (1999, p. 15): “de modo geral, a biblioteca escolar deve preocupar-se com o desenvolvimento curricular, possibilitar a promoção da leitura, da pesquisa e o crescimento pessoal”. E nesse sentido, este espaço pode contribuir de forma positiva para que a escola consiga alcançar resultados positivos no decorrer do ano letivo.

Ainda para Oliveira (1999, p. 15): “a biblioteca está perfeitamente integrada ao processo educativo, o que pode ser verificado pela sua utilização no horário das aulas”. Assim confirma-se a importância dos trabalhos que podem ser realizados nesse espaço da escolar.

Na nona questão foi perguntado qual sentido você atribui à leitura no contexto escolar. Na escola Monteiro Lobato, 05 não responderam, 01- “a importância do natal”, 01- “muito bom”, 01- “é através da leitura que aprendemos muitas coisas e buscamos conhecimentos”, 01-“melhorar a leitura e expandir o conhecimento”, 01- “aprender muito mais a cada dia e saber o que acontece no mundo”, 01- “a leitura é boa”, 01- “muitas coisas”, 01- “no sentido de melhorar mais o aprendizado nosso na escola, fazendo o dia da leitura na escola, isso melhora o desempenho dos alunos”, 01-“língua portuguesa”. Na escola Jorge Sadala, 04- não responderam, 01- “apresentar a escola na igreja”, 01- “contribui para o aprimoramento da interpretação e dessa forma saber o que está lendo”, 01-“bom”, 01- “positivo”, 01-“sempre é bom ler”, 01-“é muito importante para o aluno se desenvolver”, 01- “obedecer as regras de pontuação”, 01-“muito boa”, 01-“satisfação para a família”, 01-“faz muito bem a memória”, 01-“aproveitamento de livros”, “conhecimento de palavras desconhecidas no meu vocabulário, melhorou minha leitura ao ler 7 livros”, 01- “muito bom”, 01- “ótimo”, 02-“aprendizagem”.

Na décima questão foi perguntado sobre como os estudantes avaliam a existência de uma biblioteca na escola. Na escola Monteiro Lobato os 14 estudantes afirmaram ser positivo. O que também ocorreu na escola Jorge Sadala, em que os 19 estudantes responderam positivamente. Com esse dado temos a certeza de que a biblioteca escolar é muito bem vista pelos estudantes e que esse espaço pode contribuir positivamente para o desenvolvimento intelectual dos docentes.

Para reforçar no cenário da leitura e literatura, Tinoco (2014, p. 121) destaca que é preciso “reconstruir o novo sobre as marcas de uma relação pedagógica professor-aluno rotineiramente desgastada. No desejo de aprimorar o ensino”. E ainda reforça que é preciso estabelecer “um sentido mais efetivo da aprendizagem”.

Vale destacar que na questão destinada aos estudantes em que procurávamos saber se gostavam de ler, do total de 49, 25 afirmaram gostar de leitura e 08 responderam negativamente. Esse resultado demonstra que a maioria dos discentes tem o hábito da leitura. E em relação ao gênero literário as histórias em quadrinhos foram a principal escolha. A partir desses dados, as docentes podem pensar em realizar trabalhos que contemplem esse gênero literário e assim estimular a prática da leitura.

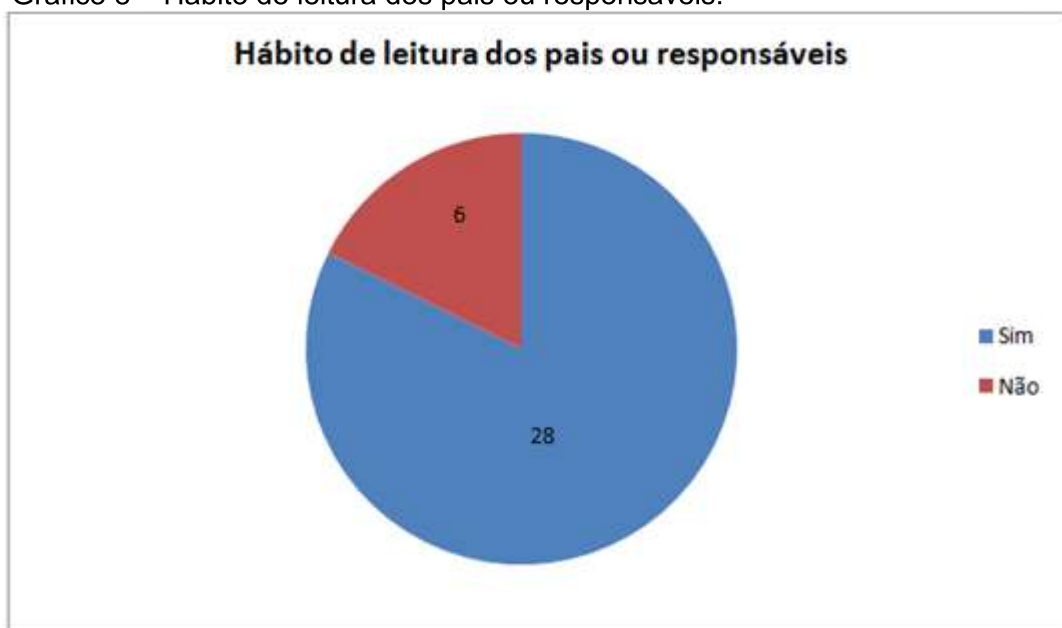
Em relação a existência de uma biblioteca ou sala de leitura na escola, constatamos que não existe em ambas escolas esse espaço e os docentes realizam as atividades de leitura em sala de aula. Os estudantes demonstraram que a biblioteca seria muito bem acolhida na escola, por ser um espaço destinado para realizar empréstimos de livros e leitura na escola.

Para sabermos o que os estudantes pensam sobre a leitura no contexto escolar, na nona questão desta pesquisa, observamos que eles sabem do valor e importância da leitura nas atividades cotidianas da escola, por meio da leitura é possível expandir o conhecimento, melhora o aprendizado e desempenho nas atividades realizadas no ano escolar.

6.3 Sentido da leitura para pais ou responsáveis dos estudantes

Na primeira questão foi perguntado se *você tem o hábito de ler* (Gráfico 8). Na Escola Monteiro Lobato 12 responderam sim e 02 não. Na escola Jorge Sadala 16 responderam sim e 03 não. Esse dado demonstra que a maioria dos pais ou responsáveis dos estudantes tem o hábito da leitura.

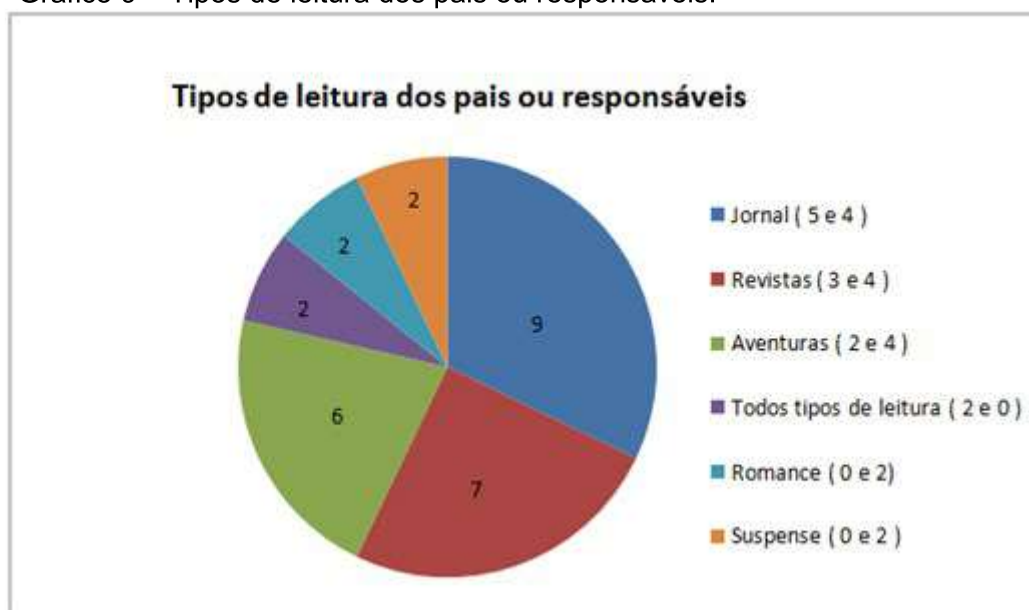
Gráfico 8 – Hábito de leitura dos pais ou responsáveis.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Na segunda questão perguntou-se em caso da resposta anterior positiva, qual o tipo de leitura costuma realizar? (Gráfico 9). Na escola Monteiro Lobato, 05 pais responderam “jornal”, 03 “revistas”, 02 “aventuras”, 02 “todos os tipos de leitura”. Na escola Jorge Sadala, 04 responderam “jornal”, 04 “revistas”, 04 “aventuras”, 02 “romance” e 02 “suspense”.

Gráfico 9 – Tipos de leitura dos pais ou responsáveis.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Na terceira questão foi perguntado se você costuma verificar as leituras dos filhos (Gráfico 10). Na escola Monteiro Lobato, 11 responderam sim e 03 não. Na escola Jorge Sadala 13 responderam sim e 06 não.

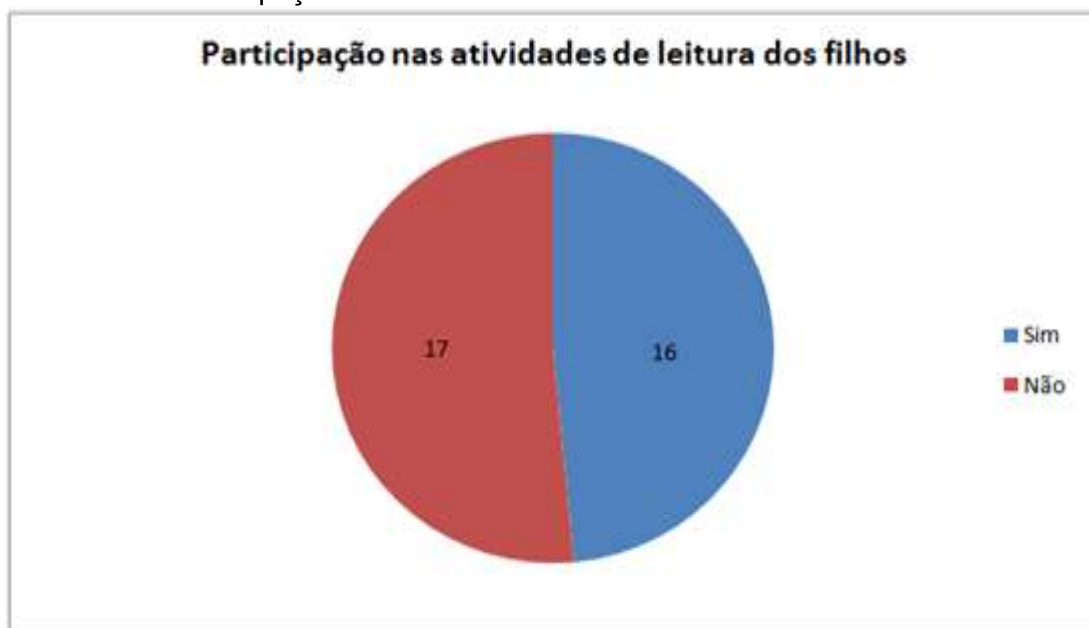
Gráfico 10 – Acompanhamento dos pais referente aos tipos de leitura dos filhos.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Na quarta questão perguntou-se sobre a participação de atividades de leitura na escola (Gráfico 11). Na escola Monteiro Lobato, 05 responderam sim e 09 não. Na escola Jorge Sadala 11 responderam sim e 08 não.

Gráfico 11 – Participação nas atividades de leitura dos filhos.



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2020.

Na quinta questão: *em caso da pergunta anterior positiva, qual a atividade?* Na escola Monteiro Lobato, ninguém respondeu. Na escola Jorge Sadala 03 não responderam, 02 “em português”, 03 “leitura de livros”, 01 “textual”, 01 “círculo do livro”, 01 “projeto de leitura”.

Na sexta questão perguntou-se *como os pais ou responsáveis avaliam as atividades para leitura em sala de aula?* Na escola Monteiro Lobato 14 participantes da pesquisa avaliaram positivamente. Na escola Jorge Sadala 02 não responderam e 17 avaliaram positivamente.

Na sétima questão foi perguntado *como avaliam a existência de uma biblioteca na escola* e todos avaliaram que é positivo.

Na oitava questão perguntou-se sobre *qual o sentido você atribui à leitura na escola do seu/sua filho/filha*. Na escola Monteiro Lobato, do total 04 não responderam, 01- “não atribui nada”, 01-“No meu ponto de vista a leitura é muito importante, pois é através dela que as crianças desenvolvem uma forma mais ativa de pensar e de buscar grandes conhecimentos. A leitura é uma das coisas mais importantes em sala de aula”. 01- “Com a leitura ela passa a se desenvolver melhor em meio a sociedade que vivemos, ou seja, assim ela será uma pessoa muito melhor”. 01- “Super positivo, pois com a leitura os nossos filhos conseguem se desenvolver a cada dia com inteligência e conhecimento”. 01- “Melhora a dicção e aumenta o estímulo pela leitura e o conhecimento”. 01- “Negativo porque a escola

deve chamar os pais para a escola para participarem do dia da leitura. O incentivo ao aluno escrever livros e depois publicar para a comunidade isso ajudaria muito na leitura, principalmente na escola isso seria muito positivo”. 01- “Primeiro tinha que ter uma biblioteca na escola, ter cinemas e projetos educativos”. 01-“Eu gostaria que os professores colocassem os alunos para fazerem muita leitura, isso é o mais importante na sala de aula”. 01-“A leitura do meu filho é boa”. 01- “A leitura é fundamental na sala de aula, o aluno terá mais conhecimento sobre o que estuda, portanto, a leitura é de suma importância”. Na escola Jorge Sadala, do total de 19 formulários entregue aos pais ou responsáveis 04 não responderam, 04 “bom”, 01 “a leitura faz com a pessoa que está lendo viajar no mundo da imaginação do autor. Ler não é por ler letras e sim imaginar também”, 01 “muita espera e dedicação”, 01 “muito importante para que as crianças tenham um bom desempenho na leitura”, 01 “aprendizagem e desenvolvimento”, 01 “melhora a escrita”, 01 “faz com que o aluno expresse interesse no universo da leitura, um bom leitor interpreta, viaja em pensamento e imaginação sem sair de onde está”, 01- “conhecimento é tudo e a leitura também”, 01- “querer aprender que a leitura faz parte dos estudos de nossos filhos, por isso acompanho meu filho em escola e sua escola. Ele gosta de ler qualquer tipo de livros”, 01- “a leitura na escola é de muita importância para todos os alunos em especial ao meu filho, uma boa leitura nos ensina muito, uma leitura é uma coisa muito importante, por isso acho muito importante a leitura”, 02- “ajuda a criança a ler e ser expressar em ambientes públicos e outros benefícios que a leitura proporciona”.

No quadro de questões aplicadas aos pais ou responsáveis, foi possível perceber que tratando-se do hábito da leitura, das respostas obtidas, 28 responderam “sim” e 05 responderam “não”, isso demonstrou que a maioria dos pais, com sua forma específica tem o hábito da leitura em família. Aqui retomamos as discussões já realizadas no capítulo do referencial teórico, em que destacam a importância da leitura realizada na vida familiar, pois se a criança na fase inicial presencia essa ação, no cotidiano responderá com maior intensidade aos estímulos desenvolvidos na escola.

Perguntado sobre como os pais avaliam as atividades de leitura desenvolvidas na escola, a maioria avaliou positivamente, pois essas ações contribuem para o desenvolvimento intelectual dos seus filhos.

Para os pais ou responsáveis, o sentido da leitura no contexto escolar está diretamente ligado ao aprendizado e desenvolvimento dos estudantes que fazem parte da escola, a leitura possibilita aos discentes maiores conhecimentos, uma visão mais ampla do mundo. E a família deve contribuir como estimuladora nesse processo.

Na concepção dos pais ou responsáveis foi possível constatar que para eles, os alunos devem ser motivados a ler por prazer e não por obrigação. É importante, pois, haver projetos de leitura de acordo com a faixa etária, como evidenciado na Fotografia 4; projetos inovadores, criativos, que despertem no estudante o real interesse pela prática da leitura. Para isso, a parceria da escola com a família é fundamental, pois agrega valores que devem ser cultivados e trabalhados desde cedo. Na escola o papel dos professores torna-se primordial, visto que, por meio das atividades desenvolvidas em sala de aula, a prática da leitura deve ser motivada continuamente.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como afirmamos ao longo do texto, se para Freire (2015) “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, a experiência e a cultura do aluno devem ser consideradas de modo singular para o processo de ensino-aprendizagem. Na medida que dialoga-se com a bagagem cultural dele (o aluno) e todo o contexto que o cerca, afirma-se dialeticamente a leitura da palavra e do livro propriamente: de tal modo que não prescindia aquela, mas, pelo contrário, a respeite, em um horizonte de ampliação, para ler melhor o texto e a realidade da qual ele é parte.

Nessa mesma linha, Vygotsky (1995) vai conferir, para além da herança biológica, um peso extraordinário na interação social no processo de formação da criança/aluno que, por sua vez, a marcará ao longo de toda a sua vida: trata-se aí da densidade identitária e cultural que traz consigo os alunos/leitores. Por isso, a necessidade do diálogo com a realidade local, o chão das escolas, bem como o “atendimento” o mais personalizado possível dos discentes para melhor conhecê-los e assim trabalhar nos diversos e nas multiplicidades de contextos.

Assim, também, devem olhar os projetos e as políticas de formação de leitores - inclusive numa perspectiva individual de quem lê, aprende e ensina, ou seja, do leitor - para evitar qualquer processo de dicotomização que faça separações artificiais a ponto de não dar conta da síntese dos contrários no âmbito da escola, que permanentemente deve buscar afirmar a indiscutível importância da leitura para o estudar e para a realidade cotidiana dos alunos e professores. Política de formação de leitores que deve ainda estar focada na superação de situações-problema do ensino-aprendizagem, justamente para fazer frente aos desafios, de modo a apontar para uma progressiva qualificação da educação em âmbito escolar, a fim de contribuir, a partir da leitura, para o pleno desenvolvimento dos alunos.

De modo geral, um dos aspectos observados negativamente na pesquisa foi a desarticulação das políticas de leitura nas escolas, assim como a falta de projetos de incentivo que a incrementa, não só esporadicamente, mas de modo contínuo, que essencialmente desse conta de envolver os discentes, docentes, pais e gestão. Ao mesmo tempo que há uma ausência de conexão entre os projetos (leitura) da cidade que acontecem nas escolas, além da falta de diretrizes e formação continuada para os professores que atuam nas bibliotecas, salas de aula e na formação de leitores.

A percepção da comunidade escolar sobre o ler, já ratifica a importância da prática da leitura para a formação dos alunos, dos professores e da comunidade - ainda que a pesquisa indique uma tendência de gosto pela leitura - porém, sabemos, é uma prática pouco cultivada nas escolas, uma vez que os projetos de incentivo à leitura, no caso da cidade de Alenquer, ressentem-se de uma maior articulação entre si para alcançar melhores patamares no ranking de desenvolvimento da educação, tomando como referência o IDEB, que trabalha sobretudo a língua portuguesa e a matemática, (mais a taxa de aprovação das escolas), cujo patamar é de 4,0 (IDEB, 2017), distante de uma média razoável, considerando que a escala vai de 0 a 10.

Os caminhos para enfrentar essa realidade passam por grandes investimentos em educação, mas também, por processos de valorização da escola, do professor, do aluno, da comunidade e também inclusão na prática pedagógica de uma abordagem mais personalizada em relação aos processos de ensino-aprendizagem, tanto dos professores das diversas disciplinas, quanto dos projetos de formação de leitores que, por seu turno, devem andar aliados a uma perspectiva interdisciplinar. Portanto, para além dos investimentos imprescindíveis, indica-se a necessidade de parceria entre as disciplinas e os projetos de leitura no interior das escolas, para reforçar, inclusive o acompanhamento mais de perto das dificuldades, das superações e avanços dos alunos ao longo de sua formação.

Daí a implantação de bibliotecas e a política de formação de leitor devem estar também acompanhadas da formação profissional contínua, pois se inspirar nessa perspectiva de superação dos desafios para que ela seja não só uma denúncia das realidades desumanizadoras como diria Freire (1995), mas também inspiração para mudança dessa mesma realidade que nega a escola, o livro e as oportunidades de uma vida plena, sobretudo em solo Amazônico, que carrega a saga de viver, lado a lado, riquezas, pobreza e desigualdades imensas. No caso do solo de Alenquer, lutar e ampliar os esforços para garantir bibliotecas e projetos de formação de leitores em todas as escolas é uma questão da ordem do dia, ao mesmo tempo que reforça, vai ao encontro do aumento dos indicadores educacionais e do IDH municipal.

Dessa forma, a pesquisa, a partir da visão dos alunos, professores e responsáveis, indica a necessária e urgente soma de esforços para estimular a leitura em âmbito escolar no município de Alenquer, a fim de intensificar a

possibilidade de sucesso dos alunos nas diversas disciplinas, de modo a dialogar com o seu desenvolvimento integral à luz das competências e habilidades apontadas pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC da educação básica. O que é mais um motivo para priorizar os projetos de formação de leitores e a implantação das bibliotecas e salas de leitura, além, como se disse, da formação continuada dos educadores.

A pesquisa foi importante, nesse sentido, para realizar este diagnóstico e apontar os possíveis caminhos a serem percorridos daqui para frente. Vale destacar também – e nunca é demais repetir - que a formação continuada para os professores deve ser priorizada, pois possibilitará uma melhor atuação na prática cotidiana docente, inclusive uma formação para uma nova prática de leitura conectada às questões contemporâneas do planeta Terra, mudanças climáticas, crise ecológica, desenvolvimento sustentável e formação integral dos alunos.

Em linhas gerais, a pesquisa apontou situações e resultados que precisam ser repensados em âmbito escolar, cujas respostas ultrapassam o muro da escola (a sala de aula, o aluno, o professor) mas pode começar por ela, como, por exemplo, a melhoria do pontos de vista da prática e intensificação da leitura; do envolvimento dos pais nos rumos da educação de seus filhos; na integração entre as disciplinas e entre os professores; na formação contínua para a realidade e para o desenvolvimento das competências e a habilidades; na concentração de esforços para a superação dos indicadores sociais da educação e, conseqüentemente, na qualificação geral do espaço escolar.

Por fim, os desafios são imensos e o debate traz mais questões em aberto do que algo pronto e acabado. Ele, em verdade, apenas (re)começa. Assim, cabe à escola, e especialmente ao professor como mediador, disponibilizar ao discente diferentes formas de leitura, que possibilitem a ele (o discente) pensar de maneira contínua sobre os sentidos e significados que aparecem ou não no texto, partilhando os conhecimentos sobre o que estava escrito e o contexto que aparece na leitura.

Quanto à área da Ciência da Informação, que direciona a produção desta, destacamos que nos Programas de Pós-Graduação existentes no país, nas linhas e grupos de pesquisa de mediação da informação nos anos de 2018 e 2019 a temática aqui discutida também foi trabalhada. Entre estes estudos ressaltamos a Universidade de Brasília, com o grupo de pesquisa Biblioteca e Sociedade, cujo trabalham a importância da informação para a sociedade. Assim, o estudo aqui

apresentado também comunga com esta missão: formar novos leitores para atuarem em uma sociedade cada vez mais informada. O papel do bibliotecário é exatamente este, na contribuição de despertar novos leitores, críticos e emancipados.

Finalizo a trajetória desse estudo, destacando que, quando conseguimos dividir as responsabilidades sobre o processo de formação leitora entre professores, alunos, familiares e escola, contribuimos fortemente para a construção e efetivação de leitores mais independentes e solidários, os quais usam suas formas de leituras para abarcar o texto e conseguir realizar reflexões sobre o mundo. Por tudo o que observamos, durante a pesquisa, é possível concluir que precisamos oportunizar escolas abertas ao mundo, aos direitos, à dignidade, por meio da leitura e com interação de todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho de; CERIGATTO, Mariana Pícaro. Os desafios de educar para o novo contexto de leitura, linguagens e produção da informação. *In*: SOUZA, Fábio Marques de; ARANHA, Simone Dália de Gusmão (org.). **Interculturalidade, linguagens e formação de professores**. Campina Grande: EDUEPB, 2016. p. 203-230. (Coleção Ensino e Aprendizagem, 2).

BRASIL. **Decreto-Lei nº 93, de 21 de dezembro de 1937**. Cria o Instituto Nacional do Livro. Rio de Janeiro: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/De1093.htm. Acesso em: 11 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962**. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4084.htm. Acesso em: 11 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 11 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003**. Institui a Política Nacional do Livro. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.753.htm. Acesso em: 11 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010**. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 13 ago. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018**. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm. Acesso em: 3 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Comum Curricular da Educação Básica: educação é a base**. Brasília, DF: MEC, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 12 jul. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 1ª a 4ª séries: língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. v. 2.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. 3. ed. Brasília, DF: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

CALABRE, Lia (org.). **Políticas culturais**: diálogo indispensável: colóquio 2003. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2005. (Coleção FCRB. Aconteceu, 1).

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, set. 1972.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CANTALICE, Lucicleide Maria de. Ensino de estratégias de leitura. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 105-106, jun. 2004

CARDOSO, Dethmar Carvalho. **A importância e preservação dos prédios e monumentos históricos de Alenquer no Pará**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Integrada em História e Geografia) – Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução: Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: EdUNESP: Imprensa Oficial, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990. (Memória e sociedade).

CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Cenas de leitura. *In*: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria T. (org.). **Leitor formado, leitor em formação**: a leitura literária em questão. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 64-91.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini *et al.* Bibliotecário escolar: um educador? **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p. 107-123, p. 107-123, 2002. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/379/459>. Acesso em: 3 jul. 2019.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2011.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 51-66. (Temas sociais, 1).

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.

DUKE, Nell; PEARSON, David. Reading comprehension strategies and teacher preparation. *In*: FARSTRUP, Alan; SAMUELS, Jay (ed.). **What research has to say about reading instruction**. 3rd. ed. Newark: International Reading Association, 2002. p. 205-242.

FARIAS, Dealúcia Pinto. **Mediação de leitura**: uma biblioteca escolar na formação de leitores. 2017. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

FIORELLI, Erika Cristina Mashorca. **Oficina hora da leitura na escola de tempo integral**: contribuições para a formação do leitor. 2011. 96 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

FREIRE, Ana Maria Araújo. A leitura do mundo e a leitura da palavra em Paulo Freire. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 35, n. 96, p. 291-298, maio-ago. 2015.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989. (Polêmicas do nosso tempo, 4).

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Bories. Conhecer e ser uma biblioteca escolar no ensino-aprendizagem. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 4, n. 4, p. 64-79, 1999. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/340/403>. Acesso em: 2 jul. 2019.

IBGE. **Cidades e Estados**: Alenquer. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/alenquer.html>. Acesso em: 2 jul. 2019.

IFLA. **Manifesto IFLA/UNESCO para bibliotecas escolares**. Tradução de Neusa Dias de Macedo. São Paulo: IFLA, 2005. Disponível em: <http://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/portuguese-brazil.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

INEP. **IDEB**: resultados e metas. Brasília, DF: INEP, 2017. Disponível em: <http://ideb.inep.gov.br/resultado/>. Acesso em: 18 jun. 2019.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 2. ed. Campinas: Papirus, 2007. (Papirus educação).

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor**: aspectos cognitivos da leitura. 9. ed. São Paulo: Pontes, 2004. (Linguagem/Ensino).

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

LIMA, Maria Cecília Rizzi. **Da biblioteca escolar à sala de leitura nas escolas estaduais de ensino fundamental paulistas**: leis, decretos, normas, agentes. 2016. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

MACEDO, Neusa Dias de. Leitura e sintonia entre bibliotecário e professor, eis a questão. *In*: SANTOS, Jussara Pereira (org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 47-64.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 4. ed. rev. e amp. São Paulo: Atlas, 1999.

MENEGASSI, Renilson José; FUZA, Angela Francine. O conceito de leitura nos documentos oficiais. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 315-336, dez. 2010.

NASCIMENTO, T. A. S; BARBOSA, M. L. de F. A influência da escola e da família no estímulo à leitura na educação infantil. *In*: BORBA, R; BOTLER, A. (org.). **Caderno de Trabalhos de Conclusão de Curso de Pedagogia**. Recife: UFPE, 2006.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt. A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação. *In*: SANTOS, Jussara Pereira (org.). **A leitura como prática pedagógica na formação do profissional da informação**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2007. p. 17-32.

OLIVEIRA, Hamilton Vieira de. **Bibliotecas Escolares e o planejamento do processo educativo em escolas públicas de Brasília-DF**. 1999. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, Faculdade de Estudos Sociais Aplicados, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 1999.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. **Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares**: Colombia, Costa Rica, Peru, Venezuela. Tradução de Walda de Andrade Antunes. Brasília, DF: FEBAB, 1985.

RODRIGUES, Isabel Cristina França dos Santos. Formação leitora e escritora: sujeitos que leem, contam e encantam na formação inicial e continuada. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Jaguarão, v. 5, n. 1529, p. 1-6, maio 2019. Edição especial.

RUFFATO, Luiz. Sobre heróis e heroínas e seus superpoderes. *In*: **Expedição leituras**: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil. São Paulo: Itaú social, 2018.

SILVA, Daniel Neves. "Povos da Mesopotâmia". [s. l.], **Brasil Escola**, abr. 2019. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/povos-mesopotamia.htm>. Acesso em: 3 jul. 2019.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **De olhos abertos**: reflexões sobre o desenvolvimento da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1991. (Educação em ação).

SILVA, Rovilson José da. **O professor mediador de leitura na biblioteca escolar da rede municipalde Londrina**: formação e atuação. 2006. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2006.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, 2004.

TAVARES, Denise Fernandes. **Biblioteca escolar**: conceituação, organização e funcionamento, orientação do leitor e professor. São Paulo: LISA: MEC, 1973.

TINOCO, Robson Coelho. A intrincada leitura de literatura: um novo processo socioeducacional de conhecimento. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 52, p. 121-136, abr./jun. 2014.

TURCHI, Maria Zaira. Espaços da crítica da literatura infantil e juvenil. *In*: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann (org.). **Leitor formado, leitor em formação**: leitura literária em questão. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 25-33.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente**: desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1995. v. 3.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. Curitiba: Ibpex, 2010. (Literatura em foco).

APÊNDICE A – Visão sobre leitura pela comunidade escolar de ensino fundamental de escolas públicas na cidade de Alenquer

BLOCO 1 – Questões aplicadas aos professores das escolas públicas de ensino fundamental da cidade de Alenquer/PA.

- 1) Há quanto tempo trabalha na Educação no ensino fundamental?**
- 2) Sua dedicação profissional à docência é exclusiva?**
- 3) Caso a resposta anterior seja negativa, qual o percentual de tempo profissional é dedicado à outras atividades?**
- 4) Você tem hábito de ler, além das leituras por necessidade profissional?**
() sim () não
- 5) Em caso de resposta anterior afirmativa, qual o gênero literário de sua preferência?**
() contos () romance () novelas () poemas () fábulas () aventuras
- 6) Você utiliza obras literárias na sua prática docente?**
() sim () não
- 7) Você sabe da existência de algum projeto de leitura na escola que você participa?**
() sim () não
- 8) Em caso de resposta anterior afirmativa, você participa do projeto?**
() sim () não
- 9) Em caso de resposta anterior afirmativa, de que forma você participa?**
- 10) Qual o sentido você atribui à leitura no contexto educacional?**
- 11) Você gostaria de acrescentar algum comentário sobre a leitura no ambiente escolar?**

BLOCO 2 – Questões aplicadas aos estudantes das escolas públicas de ensino fundamental da cidade de Alenquer./PA.

1) Qual sua série?

2) Você gosta de ler?

() sim () não

3) Em caso de resposta anterior afirmativa, qual o gênero literário de sua preferência?

() contos () romance () novelas () poemas () fábulas () aventuras () histórias em quadrinhos

4) Em sua escola tem biblioteca ou sala de leitura?

() sim () não

5) Em caso de resposta afirmativa, você empresta livros?

() sim () não

6) Quantos livros você emprestou esse ano?

7) Você já participou de alguma atividade de leitura em sua escola?

() sim () não

8) Em caso de resposta afirmativa, qual o nome da atividade?

9) Qual o sentido você atribui à leitura no contexto educacional?

BLOCO 3- Questões aplicadas aos pais ou responsáveis das escolas públicas do ensino fundamental da cidade de Alenquer/PA.

1) Você tem o hábito de leitura?

sim não

2) Em caso de resposta afirmativa, qual o tipo de leitura você costuma realizar?

jornal revista romance aventura suspense

3) Você costuma verificar quais as leituras seu filho/filha faz?

sim não

4) Você já participou de alguma atividade na escola que envolvia leitura?

sim não

5) Em caso de resposta afirmativa, qual o nome da atividade?

6) Como avalia o desenvolvimento de atividades voltadas para leitura em sala de aula?

7) Qual o sentido você atribui à leitura no contexto educacional?

8) Como você avalia a existência de uma biblioteca na escola?

positivo negativo

9) Qual a sua sugestão para que seja construído um espaço de biblioteca ou sala de leitura na escola?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Estamos realizando uma pesquisa nas instituições de ensino EMEF JORGE SADALA e ESEF MONTEIRO LOBATO e gostaríamos que participassem das mesmas. O objetivo desta pesquisa é compreender a percepção do que a comunidade escolar traz como sentido construído em relação à leitura no ambiente da turma do 5º ano do ensino fundamental. Participar desta pesquisa é uma opção e no caso de não aceitar participar ou desistir em qualquer fase da pesquisa fica assegurado que não haverá nenhum comprometimento. Caso aceite participar deste projeto de pesquisa gostaríamos que soubessem que: A) Os resultados serão utilizados apenas para pesquisa e a identificação da criança, pai ou professor ficarão mantidas em sigilo, garantindo assim, a não identificação dos participantes desta pesquisa. B) As respostas das entrevistas serão utilizadas como resultados da pesquisa.

Eu, _____ portador do RG _____ responsável pelo (a) _____ autorizo a participar da pesquisa. Declaro ter recebido as devidas explicações sobre a referida pesquisa e concordo que minha desistência poderá ocorrer em qualquer momento sem que ocorram quaisquer prejuízos físicos, mentais ou no acompanhamento deste serviço. Declaro ainda estar ciente de que a participação é voluntária e que fui devidamente esclarecido (a) quanto aos objetivos e procedimentos desta pesquisa.

Certos de poder contar com sua autorização, coloco-me à disposição para esclarecimentos, através do telefone 91-98244-7296, e falar com Sra. Nara Santos.

Autorizo, _____ Data: ____/____/____

Assinatura do responsável

(Nome da criança)



Ministério da Educação
Universidade Federal do Pará
Sistema de Bibliotecas

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Autor(a): Nara Raimunda de Almeida Santos

Afiliação do(a) autor(a): Universidade Federal do Oeste do Pará
Instituição de vínculo empregatício do(a) autor(a)

CPF: 592056102-59 Matrícula: 201875470015

Telefone: (91) 98244-7296 E-mail: narasantos059@gmail.com

Curso/Programa: Mestrado em Ciência da Informação / PPGCI

Orientador(a): Prof. Dr. Hamilton Vieira de Oliveira

Coorientador(a): _____

Título/Subtítulo: Os pentidos de leitura para a comunidade escolar no ensino fundamental na cidade de Alenquer - PA: estudo de caso nas escolas municipal Jorge Sadala e Estadual Monteiro Lobato.

Data da Defesa: 29/02/2020

Tipo do documento: () TCC () TCCE² (x) Dissertação () Tese () Artigo Científico () Livro
() Capítulo de livro () Trabalho Apresentado em evento () Outro: _____

Declaro que, para os devidos fins, o presente trabalho é de minha autoria e que estou ciente:

- Dos Artigos 297 a 299 do Código Penal, Decreto-Lei n. 2.848 de 7 de dezembro de 1940;
- Da Lei n. 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que dispõe sobre os Direitos Autorais;
- Do Regimento Interno da Universidade Federal do Pará;
- Da lei 12.527 de novembro de 2011, que trata da Lei de Acesso à Informação;
- Da utilização da licença pública internacional *Creative Commons 4.0*;
- Que plágio consiste na reprodução de obra alheia e submissão da mesma como trabalho próprio ou na inclusão, em trabalho próprio, de idéias, textos, tabelas ou ilustrações transcritos de obras de terceiros sem a devida e correta citação referencial.

Belém, 27 de março de 2020.

Local e Data

Nara Rda. de A. Santos

Assinatura do(a) autor(a)



Ministério da Educação
Universidade Federal do Pará
Sistema de Bibliotecas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO EXCLUSIVA PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NO PORTAL INSTITUCIONAL DE ACESSO ABERTO DA UFPA

1. Tipo de documento: () TCC³ () TCCE⁴ (x) Dissertação () Tese () Artigo Científico () Livro
() Capítulo de Livro () Trabalho Apresentado em evento () Outro: _____

2. Informações sobre a obra:

Autor(a): Nara Raimunda de Almeida Santos

RG: 2985695 CPF: 592056102-59 E-mail: narasantos059@gmail.com

Telefone: (91) 98244-7296 Programa: Programa de Pós-Graduação em Ciência da

Orientador(a): Hamilton Vieira de Oliveira Coorientador(a): Informações

Título do documento: Os sentidos de leitura para a comunidade escolar no ensino fundamental na cidade de Piqueira. PA: estudo de caso nas escolas municipal Jorge Sachala e Estadual Monteiro Lobato

Data da defesa: 29/02/20 Área do Conhecimento (tabela do CNPq): Ciência da Informação

Área de Concentração (Se Tese ou Dissertação): Dissertação

Linha de Pesquisa (Se Tese ou Dissertação): Mediação da Informação

Agência de Fomento (se houver): _____

3. Informação de disponibilização do documento:

Restrição para publicação: () Total* () Parcial* (x) Sem restrição

Justificativa de restrição total: _____

Em caso de restrição parcial, especifique os capítulos restritos: _____

A partir de qual data esse documento poderá ser disponibilizado: 28/03/2020

4. Permissões⁵

Permite o uso comercial da obra? () Sim () Não

Permitir modificações na obra? (x) Sim () Não

O documento está sujeito a patentes? () Sim (x) Não

5. T&D defendidas fora da instituição

É Tese ou Dissertação defendida fora da UFPA? () Sim (x) Não

Belém, 27 de março de 2020

Local e Data

Nara Rda. de A. Santos

Assinatura do(a) autor(a)

³ Trabalho de Conclusão de Curso em Graduação

⁴ Trabalho de Conclusão de Curso em Especialização

⁵ Creative Commons Internacional 4.0

* Não será disponibilizado, somente após a data informada neste termo, se houver